Semanário provincial

JORNAL do ALGARVE

ANO I • VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 27 DE ABRIL DE 1957 • N.º 5

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ◆ EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA ◆ REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 ◆ TELEFONE 254
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL – VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO ◆ DELEGAÇÃO EM LISBOA: TRAV. DA PALMEIRA, 36-2.º ◆ TELEFONE 31839 ◆ AVENÇA

COMEÇARÁ A FUNCIONAR EM JULHO O EMISSOR de Televisão de Monchique

É PROVÁVEL que a Emissora NACIONAL INSTALE NO ALGARVE UM EMISSOR

DE FREQUÊNCIA MODULADA

Um trecho da linda estrada que conduz à Fóia, onde será instalado o Emissor de Televisão do Algarve

DENTRO de poucos dias, será aberto concurso para a construção das instalações do emissor de Televisão do Algarve. Ficará este instalado na Fóia, o ponto mais elevado da Terra Algarvia e será designado por Emissor de Monchique.

A montagem do emissor e da torre e respectiva antena está prevista para fins de Junho, pelo que é de supor que as emissões possam começar em fins de Julho, pró-

Conclui na 3.ª página

TRANSPORTES COLECTIVOS NO TRIÂNGULO

VILA REAL — CASTRO MARIM S. BARTOLOMEU — MONTE GORDO

HÁ dois anos, uma empresa de viação quis estabelecer, na época balnear, um serviço rápido de camionagem ligeira no triângulo Vila Real de Santo António—Castro Marim—S. Bartolomeu—Monte Gordo, com saídas da Vila Pombalina de meia em meia hora, o que constituía enorme vantagem e grande comodidade para os quatro núcleos populacionais. Conhecedora da iniciativa, a Rodoviária do Sotavento interpôs-se, como empresa concessionária da região, oferecendo-se para desempenhar o útil serviço.

Mas a verdade é que até agora a citada empresa nada fez e, aproximando-se a época balnear, parece-nos que é altura de se tomarem as providências que a comodidade pública e as exigências turísticas reclamam. Se à Rodoviária não interessa a carreira, que o diga francamente, para que outros executem o que projectam. Só obstaculizar, não vale.

Vista panorâmica da cidade de Silves, a primeira capital do Algarve, que entrou num período de franco progresso

A CIDADE DE SILVES

Da grandeza à decadência

por JULIÃO QUINTINHA

TAMBÉM se vive, um pouco, do passado. Não sòmente por orgulho sentimental, mas porque na recordação dos bens que tivemos e perdemos podemos encontrar estímulo para conquistar o possível ressurgimento que desejamos.

Que a histórica cidade de Silves tem um passado onde se assinala grandeza, que dela fez uma das mais famosas do País, ninguém pode ter dúvidas. Basta, simplesmente, contemplar os seus monumentos, algumas ruínas, nomeadamente o Castelo e a Catedral que num alto monte dominam o burgo antigo, para termos rápida visão daquela grandeza. Se a cidade não tivesse excepcional importância, ninguém mandaria coroar o alto morro com uma cidadela de tal fortaleza e arquitectura, que, em tempos idos, estava ligada a várias ordens de muralhas que se prolongavam pelos arrabaldes até à beira do rio, do que ainda há vestígios.

Depois das afrontas do tempo e dos homens e dos abalos sísmicos que destruíram a cidade, os documentos arqueológicos ainda constituem eloquentes testemunhos, aliás confirmados por autorizados historiadores.

Sem poder descerrar todas as pesadas cortinas que fecham o seu passado remoto, onde Silves surge sem se saber, ao certo, por quem foi fundada, dizendo uns que foram os fenícios os fundadores, 900 anos antes de Cristo; outros que foram os curetes, povos da Grécia, 450 anos antes da mesma data; tudo indica que quando os romanos vieram à Península já Silves era conhecida, embora a sua história mais se esboce a partir de 1060, quando Fernando de Castela e Leão a arrancou ao poder dos moiros, voltando depois a este domínio em que os árabes lhe deram maior esplendor — no comércio, na agricultura, na vida política e intelectual.

Um dos cruzados que estiveram na tomada de Silves com D. Sancho I, em 1199, escreveu numa memória que, nessa data, a cidade estava mais fortificada do que Lisboa

Conclui na 3.ª página

Jornal do Algarve

Também se referiram com palavras elogiosas ao aparecimento do *Jornal do Algarve* os nossos colegas «Jornal do Fundão» e revista «Rodoviária». Agradecidos.

Visado pela delegação de Censura

A PASTA DE FIGO *constituirá uma fonte* DE RIQUEZA PARA A LAVOURA *e para a indústria algarvia* desde que se melhore

O SEU FABRICO E SE ELIMINE O INTERMEDIÁRIO

O ASSUNTO, pela sua magnitude e repercussões na economia algarvia, é dos tais que não se podem deixar de mão. Voltamos, pois, a ele. E começaremos por referir um dos insucessos da nossa exportação para a América do Norte. Segundo o industrial com quem falámos e que nos forneceu os elementos, a culpa não cabe exclusivamente à indústria. Outros factores estranhos à manipulação contribuíram para esse insucesso. Vejamos: em Maio do ano passado e com o fim de pouparem uns escudos — as tais poupanças que sempre condenámos e que, infelizmente, ainda nos vão dar oportunidade de exautorar os forretas — uma firma algarvia carregou num navio jugoslavo, que fazia frete mais barato que a concorrência, 300 toneladas de pasta de figo. Aconteceu que o navio adernou, a mercadoria andou às bolandas no porão e chegou ao destino feita num bolo. E' certo que os carregadores, informados do desastre, comunicaram o facto para a América, a fim de ali se fazer uma inspecção à carga, vistoria que teve como consequência condenar o produto para a alimentação humana. Claro que a pasta retornou à origem e por aqui foi vendida para a alimentação de animais de quatro patas. Simultâneamente, outro contratempo surgiu: descobriram os americanos um bicho introduzido na pasta, e isso levou-os a recusar a entrada do produto. O inconveniente bichinho veio para Portugal, foi levado à Junta Nacional dos Frutos e, quando já todos tinham desanimado sobre a sua misteriosa origem, eis que um homem do campo, a quem por acaso foi mostrado o intruso, o identificou como sendo um bicho que se cria na cortiça. E chegou-se então à conclusão de que o verme fora transmitido à pasta por uma carga de cortiça transportada no mesmo navio.

Conclui na 4.ª página

A aldeia de Martinlongo JÁ TEM TELEFONE

Na progressiva aldeia de Martinlongo (Alcoutim) foi aberta à exploração uma cabina telefónica pública, havendo também doze telefones particulares.

A MELHORIA DAS COMUNICAÇÕES ENTRE A CAPITAL E A TERRA ALGARVIA

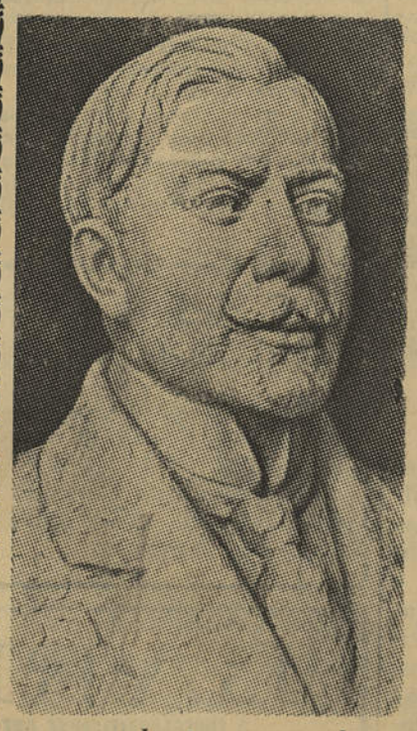
DENTRO de dias, deve rolar pelas calhas da linha do Sul a automotora inaugural das comunicações rápidas entre o Algarve e a capital. É desnecessário exaltar a importância deste melhoramento, tão evidente ela é para a comodidade dos algarvios e para a facilidade do seu comércio e das suas relações com Lisboa. O estudo deste serviço, pelo qual o Algarve há tantos anos ansiava, foi levado a cabo por um grupo de engenheiros e pelo director-geral da C. P., sr. eng. Espregueira Mendes, que esteve em Vila Real de Santo António e aqui, com o sr. José Victor Adragão, presidente do Município, estudou pormenores que interessam o caminho de ferro.

Na estação ferroviária de Vila Real de Santo António, durante a visita para o estudo do estabelecimento da circulação diaria de automotoras. Da esquerda para a direita: eng. Júlio José dos Santos, chefe da exploração; eng. Espregueira Mendes, director geral da C. P.; José Victor Adragão, presidente do Município pombalino; engs. Manuel da Silva Bruschy, João da Cunha Monteiro e Carlos António Joyce Dinis, da C. P.

Simultâneamente com a melhoria de comunicações ferroviárias, vão ser também melhoradas as comunicações por estrada, com um apetrechamento mais útil do cais de Cacilhas e a entrada em serviço de um novo «ferry-boat»

Conclui na 6.ª página

O MONUMENTO A BERNARDO DE PASSOS *SERÁ INAUGURADO* em Setembro



ESTÁ marcada, em princípio, para 15 de Setembro a inauguração, em S. Brás de Alportel, do monumento à memória do que foi inspirado poeta Bernardo de Passos, que deixou ao património literário do Algarve uma obra lírica cheia de ternura e na qual perpassa, em rimas de suave harmonia, o seu amor pela terra e pelas gentes da Província do Algarve.

A comissão executiva, constituída pelos srs. dr. Guerreiro Murta, major Mateus Moreno, drs. Virgílio Passos e Sousa Carrusca, M. de Mora Féria e Joaquim António Nunes, deliberou convidar para constituírem a comissão de honra que presidirá à cerimónia inaugural os srs. dr. Baptista Coelho, governador civil do distrito; dr. José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província; Amável de Faria, presidente da Câmara Municipal de Alportel; major Mateus Moreno, presidente da direcção da Casa do Algarve; drs. Emiliano da Costa, como representante dos actuais poetas do Algarve, e Mário Lyster Franco, como representante da Imprensa e director do semanário «Correio do Sul», de que Ber-

Conclui na 4.ª página

MISSÃO DA IMPRENSA REGIONALISTA

por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

A CONQUISTA de um lugar de prestígio e importância para um pequeno jornal — como, aliás, para tudo o que é pequeno — representa um maior somatório de sacrifícios e exige uma acção de grande objectividade e preponderância na defesa integérrima dos legítimos interesses do público a quem é destinado. Mas, se por um lado, a empresa se apresenta difícil e trabalhosa, hemos de concordar que a própria pequenez do meio lhe facilita o intento.

A nossa Imprensa regionalista, apesar de certas honrosas tradições e excepções, está longe de colocar-se, com autoridade e dignificação, dentro do campo em que a sua acção deve desenvolver-se e, de uma maneira mais geral do que conviria, nada faz para sair do marasmo em que vegeta, continuando

Conclui na 6.ª página

A saúde é a maior riqueza

ALIMENTOS ENERGÉTICOS

Além dos alimentos protectores (proteínas, sais minerais e vitaminas), existem outros, encarregados de fornecer o combustível necessário para que o organismo possa trabalhar e manter constante a temperatura interna. As gorduras e os hidratos de carbono (açúcares, farinhas), são os alimentos combustíveis, também chamados energéticos.

Dê ao organismo alimentos fornecedores de combustível, usando na alimentação banha e óleos vegetais, manteiga, açucarados, massas e farinhas, tudo, porém, sem exageros.

29 ABR. 1957

APONTAMENTOS BARROCOS?

de **CASIMIRO DE BRITO**

11 — . . . E o Sol despejou moedas de ouro

Uma pobre mulher. Talvez pensasse assim, antes de a conhecer. Antes da cena em que Ela, eu e o Sol fomos os principais personagens.

Uma mulher, simplesmente. Alegre, normalmente, passos miudinhos arrastados, olhos desiguais: um verde, o outro castanho. Bonitos, se lhe procurarmos a beleza. Não sei o que ela faz, quero dizer, do que vive. Nem tal interessa para o caso. Nem tal prejudica o fluxo da narrativa ou reportagem, se isto sair narrativa ou reportagem.

Vejo-a ali, todos os dias. A pedir, ou coisa parecida. Notàvelmente despreocupada. Feliz, talvez...

Um dia destes, e como este, em que o Sol é realmente o Rei não só da natureza como dos nossos próprios sentidos. Um dia destes, como este, em que o Sol actua como fonte emocional e derrama, sobre os seus súbditos, toda a ternura possível no melhor dos reis. Num dia destes, como este, em que os nossos braços sem desejo de abraçar nada, tocam nos longes que são pertos, por pertencerem ao nosso desejo. Num desses dias azuis, pàlidamente azuis, em que a ausência feliz nos visita, nos integra na felicidade ambiental, transformando os nossos minutos apressados e agudos em meninos traquinas e redondos — como os meninos coloridos que moram nas casas grandes, belamente rodeadas de jardins verdes e sorridentes.

Foi num dia desses, como hoje precisamente, que reparei na mulher da minha narrativa ou reportagem, e na ponta dos meus dedos louros e imperceptìvelmente felizes, lhe estendi uma moeda, uma daquelas moedas tristes e quase abundantes, até nos bolsos dos pobres.

Desviou-me as pontas dos dedos, louros e imperceptìvelmente felizes, lentamente, e fixando os seus olhos desiguais nos meus, espantados, me disse:

— Hoje, não. Para quê, se hoje sou rica?

— Ah! Rica? Você é rica?

— Sim, senhor, isso mesmo, rica. Imensamente rica. Ah! como é bom ser-se rico, rico de alguma coisa, disto ou daquilo, não interessa, mas é bom ser-se rico de alguma coisa...

— Não percebo, não estou percebendo muito bem.

— Não percebe? Então não vê as moedas que chovem do céu? Não reparou ainda que o sol parece um saco imenso a despejar moedas de ouro? *Apanhe-as, caro senhor. Apanhe-as e será mais rico do que eu, porque tem as mãos maiores do que as minhas...*

... terminou, afastando um pouco mais a minha mão admirada, estendida num gesto perfeito e franco, que eu julgava admirável.

A mão admirada chegou-me, finalmente, ao corpo, e a moeda negra e suja deslizou-me pela algibeira abaixo.

... o sol parece um saco imenso despejando moedas de ouro. *Gratuita e amorosamente. Aos homens de boa vontade.*

E ela a fitar o Sol... a fitar o Sol com uma força tremenda e quase impossível. Aquela força que os dançarinos de fogo têm nos pés, na noite de S. Cristóvão. A mesmíssima força que eu um dia empreguei, ao tirar do fogo um poema, sabendo a flores e a pombas brancas.

FORÇA? Força ou não força, ela continuou a sorrir para o Sol. Feliz e despreocupada. Absolutamente dela. Flor arrastada pela corrente, sem se importar com a força da corrente. Força minúscula, quase nada, vencendo uma força imensa, quase tudo.

A fitá-la fiquei. A fitá-la, enquanto não dei por mim a fitar o Sol, também.

Esse Sol tão distante e imperceptível, que eu desenho dia a dia, com as cores progressivamente envelhecidas.

Esse Sol fugidio, que venho procurando há tanto tempo...

Eu que tenho os olhos tão fracos. Tão pouco merecedores de excessos de Beleza...

12 — Aqui... Um dia

Aqui... um dia
nasceram
poemas de amor limpidamente

Agora
vogar desesperado
na tormenta impalpável duma visão

...a tua
que sinto vou alcançar
virgem e nua

Ah! dedos serenos que se abrem e sofrem
sonhadores
a eternidade da tua ausência!

Ah! promessas resplandecentes
que são nada quando as quero minhas!

Entretanto
vou pintando com a cor dos meus versos
teu sorriso doce eternamente meu...

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia *Carrilho*, Praça Marquês de Pombal, telefone 49.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Conde de Riba d'Ave

O sr. conde de Riba d'Ave, admirador das quase desconhecidas belezas do nosso rio Guadiana, que anualmente visita, a bordo do seu iate, passou mais uma vez pelo nosso porto, a caminho de Sevilha.

Partidas e Chegadas

De regresso da sua viagem de negócios pela Europa, esteve nesta vila o nosso amigo e assinante sr. Emílio Garcia Ramirez.

=Com curta demora, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante em Lisboa, sr. eng. José Folque de Brito.

=Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo sr. José Maria Nunes Mata, sócio-gerente do gabinete de contabilidade «Sidex», Lda., nosso assinante em Lisboa.

=De passagem por esta vila, vimos o nosso amigo e assinante em Portimão, sr. Miguel Francisco Madeira.

=De visita a seus pais, esteve em S. Bartolomeu de Messines, com sua esposa e filho, o nosso amigo sr. Luís Cabrita do Rosário, residente em Faro.

=De regresso de Espanha, esteve na nossa redacção, a apresentar cumprimentos, o nosso prezado colaborador sr. Pedro de Freitas, residente no Barreiro.

=Acompanhado de sua esposa e filha, foi a Lisboa o nosso assinante sr. José da Silva Rodrigues de Morais, chefe da secretaria da Câmara Municipal, desta vila.

=Encontra-se nesta vila o nosso amigo sr. Agostinho Roque Leal.

=Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso assinante sr. Hugo Celorico Drago.

=Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila o nosso assinante sr. José Sebastião Teixeira, funcionário do Grémio dos Industriais de Panificação, em Faro.

=Com curta demora, está entre nós o nosso amigo e assinante no Montijo, sr. Manuel H. Viegas Pinheiro.

=Acompanhada de suas filhas, regressou de Évora a sr.ª D. Jesuína Socorro Queirós, esposa do nosso amigo e assinante, sr. José do Sacramento Queirós.

=Vimos nesta vila o nosso conterrâneo e assinante em Lisboa, sr. Damião Carrilho Medeiros.

=Acompanhado de sua esposa e filho, esteve nesta vila o nosso amigo e assinante, sr. António Augusto Mateus Ramos, funcionário do Banco Português do Atlântico, em Faro.

=Acompanhado de sua esposa, sr.ª dr.ª D. Maria das Dores Medeiros Nobre.

médica nesta vila, foi a Lisboa o nosso amigo sr. dr. Ivo Neto Madeira Nobre, advogado nesta comarca.

=Está nesta vila a nossa conterrânea e assinante em Lisboa, sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues.

=Esteve entre nós, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo e assinante, sr. João Francisco Ramos, chefe de secção no tribunal da Boa-Hora, em Lisboa.

=Vimos nesta vila o nosso amigo e assinante em Lisboa, sr. dr. Emygdio Lima.

=Com sua família, esteve nesta vila o nosso amigo e assinante em Lisboa, sr. dr. Jorge Lopes Bonança.

=Esteve nesta vila o nosso amigo e assinante, sr. António Emídio Passos de Lima, residente em Mértola.

=Vimos nesta vila o nosso amigo e assinante em Lisboa, sr. Augusto Parreira.

=Esteve entre nós o nosso amigo e assinante, sr. Amaro Samúdio, técnico de conservas em Matosinhos.

=Vimos nesta vila o nosso assinante em Olhão, sr. João da Palma.

=Acompanhado de sua esposa e filho, esteve nesta vila o nosso amigo sr. João Manuel Socorro Domingues, funcionário do Banco Português do Atlântico, em Faro.

=De visita a seus pais, esteve nesta vila o nosso conterrâneo, sr. José Ramos de Sousa Ribeiro, cabo miliciano, em serviço no Quartel General, em Lisboa.

=Vimos nesta vila o nosso amigo e assinante em Lisboa, sr. Viriato Rodrigues Miguéis.

=Esteve nesta vila o nosso assinante, sr. dr. José Correia do Nascimento, vice-reitor do Liceu Nacional de Faro.

=Encontra-se em Lisboa, acompanhado de sua família, o nosso amigo e assinante, sr. dr. Manuel P. Fernandes Vargas, conservador do Registo Civil, nesta vila.

Gente nova

Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Isabel Maria Gomes Barão Bringel, esposa do nosso assinante sr. Alexandre Cristóvão do Carmo Bringel.

Casamento

Na igreja de S. Pedro, em Faro, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria da Encarnação Neves, filha do sr. José Gaspar Neves e de sua esposa, sr.ª D. Maria Rufino, com o sr. Eugénio Simões, filho do sr. Francisco Simões e de sua esposa, sr.ª D. Eugénia da Encarnação Simões.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Eugénia Gaspar e o sr. José Gaspar, e da parte do noivo, a sr.ª D. Pulquéria da Encarnação Simões Rodrigues e o sr. Manuel Guerreiro Lança.

FINALMENTE,
COMEÇARAM AS OBRAS DA NOSSA DOCA!

Resolvidos os embaraços que de há muito impediam o começo das obras da nossa doca de pesca e tendo-se chegado a acordo com o proprietário dos terrenos, iniciaram-se ontem os trabalhos deste importante melhoramento, pelo qual desde há muitos anos ansiava a classe piscatória de todo o litoral algarvio.

É grande o regozijo que sentimos pelo começo desta obra de grande valorização marítima do nosso porto, e justo é que agradeçamos ao Governo o importante benefício, para consumação do qual tanto se tem esforçado o generoso amigo da terra algarvia que é o sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, competentíssimo e ilustre ministro das Obras Públicas.

ECONOMIA

Produção algarvia de vinho

A PRODUÇÃO de vinho no Algarve, em 1955, foi a seguinte, em hectolitros: Lagoa, 22.869; Lagos, 4.567; Portimão, 4.553; Tavira, 2.983; Silves, 2.822; Faro, 1.775; Olhão, 1.579; Aljezur, 1.313; Albufeira, 903; Loulé, 821; Alportel, 780: Castro Marim, 290; Vila Real de Santo António, 200; Vila do Bispo, 102. Alcoutim e Monchique não aparecem na estatística como concelhos produtores.

Graças às Adegas Cooperativas, os vinhos algarvios sofreram notável melhoria de qualidade e há hoje alguns tipos que rivalizam com os seus similares estrangeiros. E' pena terem-se perdido as castas da região da Fuseta, que produziam o melhor vinho licoroso de Portugal. O ilustre jornalista Adelino Mendes confessa, num seu livro («Algarve e Setúbal»), que efectivamente, como lhe tinha antecipadamente anunciado um amigo, o vinho da Fuseta era superior ao vinho do Porto. Ele o bebeu in loco *e chegou a esta conclusão.*

Ùltimamente, alguém que quis valorizar a garrafeira de um amigo com vinhos da nossa província, escreveu a duas adegas algarvias. Apenas uma — a de Tavira — respondeu, e em termos que demonstram a honestidade dos seus processos de venda. A outra, nem água vai! E vamos andando...

A venda de sardinha em Aveiro

Desde há séculos que Aveiro é o primeiro porto armador de navios da pesca do bacalhau. Nos dois últimos anos, porque o acesso da sua barra se tornou mais fácil e porque nem sempre convém às traineiras que pescam naquele mar fazer a viagem até Leixões, ascendeu a porto sardinheiro. Assim, no ano findo, foram vendidos naquela cidade 121.474 cabazes de sardinha e carapau, cujo valor totalizou 6.358.316$00, o que representa, em relação ao ano anterior, um acréscimo de 36.462 cabazes e 554.562$00.

O número de entradas de traineiras para venda de peixe e reabastecimento foi de 1.286.

A nossa produção agrícola

A produção agrícola do Algarve, em 1955, quanto aos géneros que se mencionam, foi a seguinte: trigo, 266.294; centeio, 2.210 e arroz, 7.752 quintais; milho, 262.593; aveia, 75.404; cevada, 51.825; fava, 38.443; feijão, 7.537 e grão de bico, 10.097 hectolitros; batatas, 157.122 quintais; vinho, 38.000 e azeite, 35.858 hectolitros.

A pesca em Itália

Os totais da pesca em Itália, nos anos de 1954 e 1955 foram, respectivamente, de 1.945.923 e 1.947.476 quintais. Deve esclarecer-se que a quantidade de peixe em 1955 desceu, em relação ao ano anterior, de 45 mil quintais, tendo, por sua vez, aumentado a de moluscos e crustáceos em 48 mil quintais.

A zona que fornece mais produtos do mar é a do Adriático. O centro piscatório de San Benedetto del Tronto é o mais progressivo da Itália e pode dizer-se que ocupa uns dos primeiros lugares na Europa, não só pelo número de unidades como pela sua organização técnica.

Pormenor curioso: o produto da pesca em Itália assegura em média quatro quilos de peixe por habitante, o que é uma capitação reduzidíssima.

Atum na Alfândega

Em 31 do mês findo, estavam depositadas nos entrepostos de Lisboa 8.141 caixas de atum do Ultramar, com 315.432 quilos. Igualmente estavam depositados 1.238 sacos de farinha de peixe, com o peso de 62.520 quilos.

"Sardinha" em salmoura

Registou-se, nos sete primeiros meses do ano findo, uma baixa enorme na exportação da «sardinha» em salmoura da Noruega. O valor das saídas foi de aproximadamente 20 milhões de coroas, menos de metade do valor normal da exportação.

Frutos secos exportados do Algarve

No ano findo, saíram do Algarve as seguintes quantidades de frutos secos: miolo de amêndoa, 844.355 quilos; amêndoa em casca, 190.334; figos secos, 7.443 toneladas; pasta de figo, 4.282 ton.; alfarrobas, 21.680 ton., e miolo de pinhão, 5.120 quilos. O valor dos frutos e das hortaliças exportadas, não considerando as hortaliças consumidas no mercado interno, ascendeu a 99.393 contos.

Os maiores exportadores, por ordem decrescente, foram as seguintes firmas: António Neves Pires & C.ª Lda., Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, Albuera e União dos Exportadores do Sul, Lda.

Boa temporada na Bretanha

Terminou o período de industrialização de conservas de peixe na Bretanha e Vendeia. A campanha sardinheira foi a maior de que há memória — 32.000 toneladas.

Foi também muito frutuosa a campanha do atum. Apesar de ser menor o número de barcos, o volume de peixe capturado foi mais elevado, devido à utilização da isca viva. Capturaram-se 13.500 toneladas de atum branco, o que excede as médias anuais de 10/20.000 toneladas.

Melhoramentos Telefónicos

Foram criados postos telefónicos em Silvés — Gare (Silves), Balurcos de Baixo, Balurcos de Cima, Cruzamento dos Balurcos (Alcoutim) e Quatro Águas (Tavira). Para encarregados dos referidos postos foram nomeados, respectivamente, os srs. José Saturnino Guerreiro, D. Maria Rodrigues Cavaco, Joaquim Neto da Conceição, D. Francelina Maria da Palma e Carlos Nascimento Rocha.

VACA

Raça turina, com 5 anos, afilhada desde 14 de Março, com um vitelo. Dá por dia, garantidos, 24 litros de leite, sem atetar o filho. Vendo. Preço só à vista. Amândio Martins Lino Telefone 4 — Monchique.

Notas do Algarve

Vila Real de Santo António

de 19 a 24 de Abril

TRAINEIRAS:

Norte	23.410$00
Tozé	19.370$00
Lenita	17.590$00
Agadão	16.655$00
Brisa	15.565$00
Audaz	13.770$00
Mogador	13.480$00
Conceiçanita	13.140$00
Ramira	12.600$00
Pérola do Guadiana	11.535$00
Infante	11.000$00
Lagoa Azul	10.218$00
Aldita	10.120$00
Triunfante	9.580$00
Malaca	9.555$00
Rajada	9.520$00
Sul	8.157$50
Raulito	6.980$00
Liberta	6.800$00
Flor do Sul	5.835$00
Pinguim	5.480$00
Maria Rosa	5.370$00
Levante	5.320$00
Flor do Guadiana	5.250$00
Deolinda Rita	4.795$00
Novo Machado	4.685$00
Praia do Vau	970$00
Clarinha	450.00
Total	277.180$50

Olhão

de 19 a 24 de Abril

TRAINEIRAS:

Malaca	44.970$00
Aldita	31.180$00
Novo S. José	29.610$00
Flor do Guadiana	25.328$00
Praia do Vau	16.680$00
Levante	16.190$00
Sul	15.470$00
Salvadora	14.280 00
Sr.ª da Piedade	13.915$00
Clarinha	12.559$00
Deus te guarde	12.287$00
Novo Machado	12.152$00
Brisa	10.870$00
Jomanel	10.847$00
Tòluís	9.080$00
Tozé	8.465$00
Alvarito	8.345$00
Triunfante	7.830$00
Oeste	7.605$00
Briosa	7.600 00
Rajada	7.400$00
Raulito	6.655$00
Deolinda Rita	5.785$00
Norte	5.760$00
Noroeste	5.530$00
Pinguim	4.29 $00
Lenita	3.630$00
Maria Benedito	1.710$00
Boreal	680$00
Total	356.703$00

Albufeira

de 20 a 24 de Abril

TRAINEIRAS:

Borges do Rego	*6.500$00*
Briosa	*5.300$00*
S. Flávio	*1.620$00*
Pérola do Arade	*1.455$00*
Senhora do Altar	*1.400$00*
Estrela de Maio	*1.380$00*
Maria Sérgio	*1.120$00*
Fóia	*1.010$00*
	19.785$00
Pesca efectuada pelas «sacadas»	*133.474$00*
Total	*153.259$00*

Portimão

de 16 a 24 de Abril

TRAINEIRAS:

Farilhão	*62.700$00*
Estrela de Maio	*59.020$00*
Oressa	*51.180$00*
Maria Odete	*50.420$00*
Fóia	*50.270$00*
Pérola Algarvia	*46.230$00*
Belflora	*40.750$00*
Borges do Rego	*34.530$00*
Briosa	*34.430$00*
Pérola do Barlav.	*33.700$00*
Lusitana	*33.300$00*
Arrifana	*31.850$00*
Lua Nova	*31.310$00*
Pérola do Arade	*30.030$00*
S. Flávio	*28.280$00*
Praia Amélia	*27.750$00*
Santo Inácio	*27.180$00*
Satúrnia	*25.450$00*
Mexilhão	*25.120$00*
Maria Benedito	*24.540$00*
Senhora do Altar	*23.230$00*
Maria Sérgio	*22.200$00*
Costa d'Oiro	*21.900$00*
Leãozinho	*21.730$00*
Pérola de Lagos	*20.400$00*
Sarda	*19.920$00*
Portugal 6.º	*19.030$00*
Pérola do Oceano	*16.730$00*
La Rose	*15.540$00*
Dòrita	*14.350$00*
Cine	*13.950$00*
Gracinha	*11.700$00*
Portugal 4.º	*10.730$00*
Ciclone	*8.250$00*
S. Paulo	*8.100$00*
Alvarito	*6.500$00*
Senhora da Graça	*6.000$00*
Virgem te Guie	*5.900$00*
Senhora da Piedade	*5.380$00*
Mèlinha	*4.360$00*
Praia do Vau	*4.300$00*
Cristina Leote	*3.000$00*
Sr.ª da Pompeia	*2.600$00*
Sol	*1.480$00*
Trio	*1.250$00*
Total	*1.036.570$00*

MOVIMENTO PORTUÁRIO

De 19 a 25 de Abril

Entrados: Port. «Zé Manel», 926 ton., de Lisboa, vazio; Port. «Mira Terra», 562 ton., de Lisboa, vazio; Alem. «Homberg», 1.820 ton., de Antuérpia, com folha de flandres; Ital. «Framar», 499 ton., de Marselha, com carga diversa; Port. «Zé Manel», 926 ton., de Lisboa, vazio; Din. «Fulgen», 498 ton., de Lisboa, vazio; Port. «Mira Terra», 562 ton., de Lisboa, vazio; Hol. «Zuiderzee», 498 ton., de Setúbal, com carga diversa.

Saídos: Alem. «Homberg», para Roterdão e Hamburgo, com conservas e rolhas; Ports. «Zé Manel» e «Mira Terra», ambos para Lisboa, com minério; Ital. «Framar», para Lisboa, com couservas; Hol. «Zuiderzee, para Huelva, vazio; Din. «Fulglen», para Berwik, com mineral.

CASAS

VENDEM-SE DUAS

Ruas Dr. José Guimarães, 38 e Cândido dos Reis, 102.

Informa: Rua Cândido dos Reis, 25 — Vila Real de Santo António.

Entrou no Guadiana um navegador solitário

TRIPULANDO o seu pequeno iate «Mary Hillier», entrou no nosso porto, procedente de Espanha, o navegador inglês G. E. Blackburn, que aqui veio reabastecer-se.

Tendo saído há 5 anos de Norfolk (Inglaterra), já visitou vários países da Europa e alguns portos do norte de África, sendo o objectivo das suas viagens, através do mundo, «procurar apenas viver à sua vontade».

★★★★★★★★★★★★

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas «EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

★★★★★★★★★★★★

DESPEDIDA

Rogélio Guerreiro Miguel, de regresso ao Canadá, tendo-lhe sido impossível despedir-se pessoalmente de todas as pessoas suas amigas, vem fazê-lo por este meio, oferecendo os seus préstimos naquele país.

BARDAHL

— O SUPERLUBRIFICANTE QUE REVOLUCIONOU A LUBRIFICAÇÃO —

Duplique a vida do seu motor, juntando BARDAHL ao óleo e ao carburante

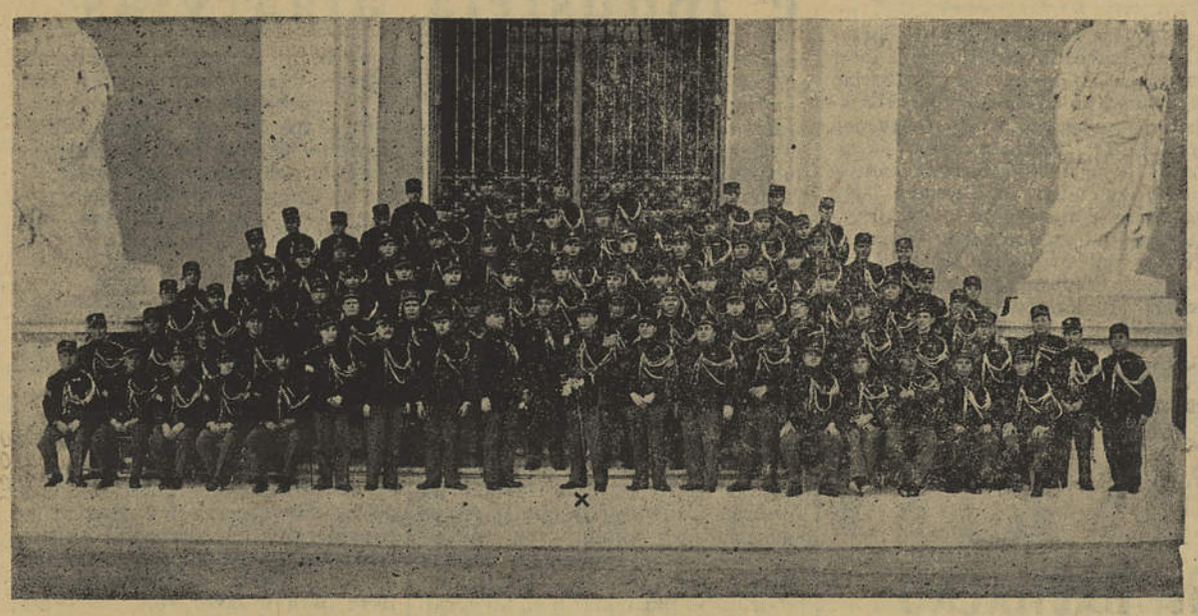
O BARDAHL é um produto baseado em novíssima fórmula secreta de atracção nuclear, porquanto adere aos metais por afinidade molecular, formando uma película permanente de lubrificante às — mais elevadas temperaturas e pressões —

Consulte em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Manuel Monchique Ribeiro Alves

Avenida da República, 81 — Telefone 249

ELEMENTOS HISTÓRICOS
SOBRE A MÚSICA POPULAR
" NO ALGARVE



A primeira banda militar portuguesa em orgânica e em arte: a do Comando Geral da G. N. R., da regência do capitão Lourenço Alves Ribeiro

A MÚSICA, essa divina expressão humana que desde o primeiro homem domina a alma de todos os seres, há-de ser, por excelência, quer os indiferentes e todos aqueles que a colocam em plano secundário queiram ou não, a Arte que sempre absorverá todos os sentidos e todas as emoções dos indivíduos civilizados, numa palavra: imortal!

No dizer do eminente professor Luís de Freitas Branco, «A arte musical do homem primitivo devia ser tão escassamente civilizada como ele. O canto e os instrumentos mais simples, tais como a flauta de cana, a corna de chifre, a concha marítima, vários instrumentos de percussão e de corda, deviam servir-lhe, como hoje ainda servem aos povos selvagens, para a caça, para a guerra, para as cerimónias rituais e para simples recreio. Os cantos deviam limitar-se a poucas notas, monòtonamente repetidas e muito acentuadas, com ou sem acompanhamento instrumental. As melodias poderiam empregar um ou outro intervalo mais largo, imitando gritos, e a expressão musical dividir-se-ia entre os extremos da excitação e do lamento.»

Quer dizer: era a música indefinida; eram os sintomas de uma Arte em bruto, a pedir as atenções cuidadas dos cientistas e dos estudiosos para limarem e aperfeiçoarem os encantos a que ela se predispunha.

E de cruzada em cruzada, vão-se fazendo descobertas!

E, como a teimosia do homem em tudo desvendar e saber não conhece limites, no fim do século X aparece o emprego de uma simples linha encarnada: era o primeiro sintoma da música estudada que se generalizava, porque, «assinalada na extremidade do lado esquerdo pela letra *F*, indicava a nota *fá* na notação grega», que foi a primeira manifestação artística musical que encantara os romanos. No século XI, uma segunda linha, assinalada com a letra *C*, era a nota *dó*. Esta foi a precursora da clave de *dó*. E no ano de 1026, o monge italiano Guido de Arezzo cometia a grande façanha de apresentar ao Papa João XIX o produto do seu grande invento: uma terceira linha negra correspondendo ao som *lá* e as seis notas de música, que seriam o grito revolucionário com o qual cérebros privilegiados dariam expansão às suas fontes produtivas. *Ut, ré, mi, fá, sol, lá,* eis as célebres notas que o estudioso monge tão hàbilmente soube extrair das primeiras sílabas das palavras iniciais do hino de S. João.

Mais tarde, outro sábio, Doni, trocou o *Ut* pela sílaba *dó;* e um flamengo acrescentou-lhes a sílaba *si*. Ficaria assim completa toda a escala das sete notas naturais, pelo que, duplicando a primeira, operava-se a grande revolução no vocabulário musical: a oitava. Ocorria esta importante descoberta nos fins do século XV.

E' bom dizer-se, que antes desta solfa enveredar pelo vocabulário que ainda hoje nos rege, «antes do Papa Gregório — o do cantochão —, a notação musical fazia-se por quinze letras maiúsculas do alfabeto romano, representando cada uma sua nota, sem que, entretanto, indicasse sua última gamática.» Quer dizer: sem escala. Por isso, a descoberta da oitava era a revolução que criaria «tantas e tantas obras de beleza que ficaram eternas.»

Depois, amoldou-se às exigências da evolução o invento dos «signos», e assim apareceram o sustenido, o bemol, e o bequadro, «que alteraram aquelas notas fundamentais e forneceram à arte musical mais elementos para expressão e alargamento» da Arte que imortalizou os grandes compositores.

Depois do vocabulário, a perfeição da destrinça dos sons, e assim se chegou ao invento das figuras, pelo que os sons de maior ou menor duração são condicionados pela breve, semibreve, mínima, semínima, colcheia, semicolcheia, fusa e semifusa.

E chegado a este apuro artístico, onde a expressão humana já estava estudada e definida, temos que, a partir de então, se foram produzindo certos fenómenos sociais de civilização, que nos deram a música colectiva: as Bandas de Música!

Tomam a iniciativa os romanos. Aliando ao seu génio guerreiro a influência da música, reconhecem a sua necessidade nas fileiras militares e são os primeiros a criar músicos profissionais. E toma forma universal esta prática dos romanos.

Entre nós, os nossos monarcas tomam ao seu serviço a arte dos sons e, consoante a época, criam as bandas militares, para as quais contratam estrangeiros, dada a falta de portugueses sabedores da ciência da música.

A divisão auxiliar, portuguesa que tomou parte na campanha de Roussillon, leva já as suas bandas de música. São elas constituídas por um mestre, vinte e dois pífanos, tambores e um tambor-mor, para cada regimento de infantaria; oito trombetas e um timbaleiro, para cada regimento de cavalaria; e oito tambores, para a brigada de artilharia.

Como fàcilmente se depreende, era toda uma organização primitiva e em embrião; eram os alicerces na «casa» portuguesa do que são hoje as nossas boas bandas militares.

A música militar sai destes primitivos quadros orgânicos. E por várias reformas que se dão desde 1802, toma ela base definida em 1814, quando, a 29 de Outubro, um decreto manda que haja, em cada regimento de infantaria, uma banda composta de mestre e oito músicos, todos praças de pré.

Na evolução que se dá, João Domingos Bomtempo introduz no nosso país o sistema filarmónico. Copiara de Londres o figurino, e em 1822 tal prática leva a efeito, com figuras de principal relevo na nossa vida política e social.

A música torna-se uma necessidade nacional. A Igreja, à míngua de organizações musicais, organiza pequenas bandas para os serviços religiosos, especificamente o das procissões.

E por 1834, a política liberal cria para os batalhões de defesa da Constituição as suas bandas de voluntários, cuja projecção vai depois operar-se, quando, em 1842, os partidos políticos começam a organizar associativamente as bandas civís, partindo daí as nossas Sociedades Filarmónicas, sustentadas e acarinhadas pelo Povo, que para a sua manutenção tantas e tantas dedicações lhes tem dado.

Porém, em nossos dias elas têm decaído; e têm morrido, porque, desde 1926 a essência da sua garantia, a velha política, desaparecendo do sistema actual que nos rege, fê-las entrar no marasmo em que se encontram.

Há que dar-lhes novas reformas; há que olhar para as nossas bandas com olhares de carinho e amparo, mas de um amparo onde a política não mais penetre, para que a sua acção beneficente resulte bem portuguesa, independente, popular e, a todos os títulos, patriótica.

A breves traços, eis explicadas as velhas fórmulas da origem da música, e de como as nossas bandas civís são filhas directas das bandas militares, tão ausentes, infelizmente, na época presente, deste torrão algarvio!

Pedro de Freitas

N. da R. *— Para que o estudo que o nosso dedicado colaborador sr. Pedro de Freitas está a publicar no* Jornal do Algarve *não enferme de lacunas informativas que suscitem aborrecimentos, solicitamos a todas as pessoas e entidades relacionadas com as actividades musicais do Algarve (bandas, estudantinas, orfeões, orquestras e ranchos) que nos enviem elementos que possam ajudar à reconstituição histórica da música popular na nossa Província. Colaborar-se-á assim numa obra que, embora modesta, tem as suas virtudes e os seus méritos. E evitar-se-ão deficiências que hão-de induzir em erro futuros historiadores da nossa vida musical.*

Animatógrafo

ARTE

Novos Goyas e Murillos,
Rafaéis, Rubens, Utrillos
e Picassos
brindam-nos com sua arte,
pelas montras, a espaços,
de há tempos a esta parte.

Assim, bom número de telas,
carvões, óleos, aguarelas
ou pastéis,
temos vindo apreciando,
e aos autores dos painéis
as críticas escutando:

«Muita veia! Génio! Jeito!
Trabalho quase perfeito!
Lindas vistas!
— Não é verdade que as montras
tiram valor aos artistas,
apresentam prós e contras?

Misturadas com as rendas,
veludos e mais fazendas,
as pinturas,
provocam anomalia:
sobressaem as molduras;
faz falta uma Galeria!»

É isso. Dê-se ao pintor
local próprio para expor.
Resultados?
Em vez de cópias banais,
velhas, dos Louvres e Prados,
talvez haja originais...

OPERANTE

A Televisão
NO ALGARVE

Conclusão da 1.ª página

ximo, ao mesmo tempo que entra em funcionamento o emissor definitivo de Lisboa. A estação algarvia terá 5 kw de potência aparente irradiada (cinco vezes mais do que o actual emissor de Lisboa, que está a cobrir uma área muito mais extensa do que a do Algarve) e é da marca «Siemens». A antena é direccional, com o objectivo de cobrir todo o Algarve em boas condições. A torre medirá 50 metros de altura.

A transmissão do programa de televisão far-se-á de Lisboa para a Fóia pelo sistema «Ballenpfang», isto é, a Fóia retransmitirá a emissão de Lisboa, que registará directamente, por meio de receptores especiais ultra-sensíveis. Este mesmo sistema está a ser largamente utilizado, e com o maior êxito, na Alemanha e na Itália.

O transporte de energia eléctrica está já assegurado junto da Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, e espera-se que esteja construída em Julho a linha de abastecimento.

Supõe-se que a Emissora Nacional instalará no edifício do Emissor R. T. P. um emissor próprio de frequência modulada, destinado a irradiar para todo o Algarve o seu programa cultural (Lisboa-2).

A CIDADE DE SILVES
Da grandeza à decadência

Conclusão da 1.ª página

e «era dez vezes mais grandiosa e rica em edifícios», falando das suas torres e castelos e afirmando que «Silves se parecia com a cidade de Goslar no Ducado de Brunswick, tendo 15.800 habitantes.

O cronista Ruy de Pina, na «Crónica de El-Rei D. Sancho I», narra como este rei se encontrou, em Lisboa, com cruzados estrangeiros que por ali passaram com destino à Terra Santa, vindos numa frota de cinquenta e três naus, «e apontando El-Rei os Lugares dos infiéis sobre que deviam de ir, não se achou outro contra que houvesse mais razão que a Cidade de Silves, no Algarve, porque era Lugar grande e junto da costa do mar em que os inimigos corsários achavam provisões e amparo». Foi combinado que, caindo a cidade em seu poder, o rei a tomasse com seu senhorio e os cruzados ficassem com os despojos dos moiros. Seguiram os cruzados nos seus navios, à conquista de Silves, enquanto por terra partiram forças comandadas pelo Conde D. Mendo, o Souzam, que naquele tempo era o mais principal Senhor, por ser bisneto de D. Afonso Henriques, vindo depois juntar-se-lhe, no cerco à cidade, o próprio rei D. Sancho, que trouxe mais gente, por terra, além da que veio por mar numa frota de quarenta galés e galeotas, em que também «iam todas as armas, engenhos, artelharias, que cumpriam para cerco e combate de uma tal e tão forte Cidade».

Conta o cronista como o cerco se arrastou cerca de dois meses e a cidade deu mostras do seu poder, resistindo a violentos ataques, até que acabou por capitular, para isso contribuindo a sede e a peste, além do valor dos assaltantes, entre os quais os estrangeiros se distinguiram pelo assalto aos ricos despojos dos moiros, que a piedade régia não conseguiu defender. Os bispos de Coimbra e do Porto, presentes no cerco, ali consagraram uma igreja, que se supõe ser a dos Mártires, e após a vitória, o rei mandou erguer Igreja Catedral.

Como é sabido, foi efémera esta vitória, porque a Cidade, pouco tempo decorrido, foi retomada pelos moiros, que só foram definitivamente expulsos cerca de cinquenta anos depois, por D. Paio Peres Correia, reinando D. Afonso III. Mas todos estes acontecimentos, lutas, assédios, e personagens que neles tomaram parte provam a alta importância da cidade.

O mais cotado dos nossos historiadores, Alexandre Herculano, na sua «História de Portugal», escreveu, com a sua sobriedade consagrada: «Silves era das mais importantes povoações da Península. A Almedina, ou cidade antiga, coroada da sua Kassba ou Castelo, tomava a coroa dum monte, em cuja raiz se estendia uma planície pela margem direita do rio, na qual estava assentada a parte mais vasta da povoação, o arrabalde que, por si só, representava uma grande cidade. Comparada com Lisboa, Silves era muito mais forte, e em opulência e sumptuosidade dos edifícios, dez vezes mais notável. A abundância dos seus mercados e a elegância das habitações e do trato dos moradores condiziam com o esmero da cultura dos arredores cobertos de hortas e jardins deliciosos. E os figos de Chenchir, cuja capital era Silves, procuravam-se por todo o mundo como incomparáveis em doçura e bondade. Tais circunstâncias e outras que resultavam da sua situação faziam daquela cidade um dos lugares mais importantes da Espanha mussulmana».

Oliveira Martins, outro grande historiador, na sua «História de Portugal», escreveu: «Quem, nos fins do século XII, visitasse Silves, dir-se-ia transportado a uma cidade oriental. Dentre as várias raças que tinham vindo à Península, foram os árabes do Yemen que principalmente a povoaram. Chelb (Silves) ao sul, Hayrum (Faro), mais ao norte, eram as duas cidades principais do Al-faghar; mas a primeira excedia em muito a segunda. Contava cerca de trinta mil habitantes, era opulenta em tesouros e formosa em construções. Vestida de palácios coroados pelos terraços de mármore, cortada de ruas com bazares orientais, cercada de pomares viçosos e jardins, Silves era a pérola de Chenchir, onde os pródigos da Mauritânia vinham gozar com as mulheres formosas, de puro sangue árabe, os seus ócios luxuosos. Era, ao mesmo tempo, uma praça temìvelmente fortificada».

Fr. Vicente Salgado, erudito e probo escritor do século dezoito, que viveu como frade num pequeno convento da Congregação da Terceira Ordem de S. Francisco de Portugal que existiu em Silves, nesta cidade ensinou latim, estudou nos arquivos, monumentos e ruínas, percorreu o Algarve, sempre a investigar, e no volume primeiro das suas «Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve», também fala da conquista de Silves, da sua antiga grandeza, e de honra que lhe fizeram os reis D. Sancho I e D. Afonso III «pela glória de ser escolhida para residência da Cadeira Episcopal do Algarve, em que se ia renovar o esplendor da Igreja Godo-Ossonobense». Embora a sua natural formação e disciplina católica, este erudito frade não deixa de reconhecer que muitos árabes de Silves se dedicaram às letras e nelas alcançaram nomeada, citando, neste volume, alguns que se distinguiram como poetas, filósofos, historiadores e oradores de eloquência — o que também reforça a tradição intelectual da histórica cidade.

Testemunhos da antiga grandeza de Silves são imensos e muito interessantes. Mas, na verdade, basta o facto dos primeiros reis de Portugal a escolherem para capital do Algarve e aí terem instituído o Governo da Província e a Cadeira Episcopal. Com tal escolha continuou a tradição da sua grandeza, mas já havia começado a decadência. A retirada dos árabes e da sua riqueza, os saques aos seus despojos durante as guerras de conquista, a inevitável desorganização duma vida social que a nova ordem não podia restabelecer ràpidamente, necessàriamente trouxeram dificuldades económicas.

Assegurada a conquista do Algarve, a atenção régia desviava-se para outros centros do País e os lugares favorecidos eram os que ficavam mais próximos da corte. Silves era uma cidade no interior, no extremo sul, com falta de comunicações e outras providências, chegando o seu rio, importante via fluvial, a estar completamente assoreado; e a reorganização agrícola das terras e sua administração estavam retardadas com um feudalismo pouco prometedor. Concederam-lhe privilégios e concessões aos moiros forros que resolveram ficar, e o foral de D. Manuel ainda criou esperanças de ressurgimento, mas a decadência era latente.

Entre os vinte e sete bispos que governaram a Catedral de Silves, alguns se distinguiram pela sua ilustração, nomeadamente, o eloquente latinista e culto historiador D. Jerónimo Osório, o que mantinha a prestigiosa tradição da cidade histórica. E o facto da Sé de Silves haver sido escolhida para dar sepultura, por alguns anos, ao famoso rei D. João II, após sua morte no Alvor, confirma essa tradição. Mas todos estes acontecimentos não evitavam a decadência, acentuada com a transferência do governo militar para Lagos, e a mudança da Sé Episcopal para Faro, autorizada pela Bula do Papa Paulo III, em 1539, a instâncias de D. João III e do Bispo D. Manuel de Sousa, mudança que só veio a efectivar-se em 1577.

Com a agricultura e o comércio desorganizados e enfraquecidos, os homens mais válidos desertaram da cidade, em procura de centros progressivos, e alguns embarcaram nos navios que seguiam para os descobrimentos marítimos e conquistas d'Além-Mar.

Depois, a administração dos Filipes, as guerras da Restauração, a invasão francesa, as lutas liberais e os diversos abalos sísmicos, mormente o de 1755, que apenas deixou 20 casas de pé em Silves e muito arruinou a Catedral, completaram a ruína da cidade, apagando o seu antigo esplendor.

Só nos meados do século dezanove se esboçou o seu renascimento, que caminhou lentamente até aos nossos dias, cortado por diversas crises. Num próximo artigo falaremos de Silves, da decadência ao ressurgimento.

Julião Quintinha

LOJA SINGER

Rua Miguel Bombarda n.º 91—Telef. 73

O Agente nesta vila tem o prazer de comunicar aos seus estimados clientes que está aberta a inscrição para as senhoras que desejarem aprender o corte de costura e bordados à máquina.

FILETES DE ANCHOVAS
AREMANY-OS GATOS
Satisfaz gostosamente o mais exigente paladar
COM AS SUAS MARCAS REGISTADAS
Arménio de Sousa Cardoso
FÁBRICA DE CONSERVAS
IMPORT. E EXPORT.
Tele { fone 119 / gramas: ARMÉNIO CARDOSO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - (Portugal)

APISÉRUM
de Belvefer

PROTEJA A SUA SAÚDE
RECUPERE AS SUAS ENERGIAS
SEJA JOVEM

O organismo debilitado não pode reagir às inúmeras perturbações que nele se podem operar. A experiência manda que nos conservemos fortes e saudáveis, criando reservas capazes de resistir a possíveis alterações. O APISÉRUM, poderoso revigorador, sendo um alimento natural à base da Geleia Real de abelhas, perfeitamente estabilizada, é, sem dúvida, o produto ideal que, com a sua acção revitalizadora, consegue dar ao organismo força e vigor como medida de protecção à doença.

APISÉRUM contra o cansaço
APISÉRUM contra a velhice prematura
APISÉRUM contra esgotamentos

VENDE-SE NAS FARMÁCIAS
PEDIDOS DE LITERATURAS AO REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR E ULTRAMARINO
FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª
CALÇADA DO SACRAMENTO, 28-2.º — LISBOA

CRONISTAS E CONTISTAS

de ontem e de hoje

HUGO E UMA NOITE EM PARIS

por João Chagas

AO sair da minha adolescência e ao entrar nas minhas primeiras intimidades másculas, conheci no Porto um homem cuja única paixão era — Hugo. Esse homem chamava-se Luís Botelho e, embora tivesse morrido obscuro, nem por isso deixou de fulgir com um raro brilho intelectual no meio de um resumido cenáculo de amigos. A ele devi a minha hugolatria.

Quando parti para Paris, no ano de 1881, em que vi Hugo pela primeira vez e que, por esse facto, ficou para mim memorável, levava a imaginação cheia de Hugo e não conhecia soberania, glória, destino maiores do que o desse homem descido do Olimpo à terra, como um Deus, para falar às criaturas uma língua divina.

Já então eu penetrava na sua obra, como num dédalo de um templo babilónico, e o considerava em toda a sua avultada majestade, despedindo com uma das mãos os raios do Júpiter e, com os dois dedos da outra, distribuíndo bênçãos sobre uma multidão de corações a arder.

Mal me despenhei no céu aberto de Paris, a minha grande, comovente apreensão foi ver Hugo, eventualidade magnífica que deixei simplesmente entregue às vicissitudes do acaso, por me faltar, para o procurar em sua casa, a ousadia que teve Edmundo d'Amicis, o qual, ainda assim, só a teve em certa medida, porque, como ele próprio conta, ao bater à porta da casa de Hugo, o seu primeiro pensamento foi — fugir. Ainda pensei em espioná-lo; mas Hugo saía pouco; e, depois, como descobrir em Paris, mesmo uma majestade como a de um poeta? Em Paris, mesmo o sol, se andasse a pé, passaria despercebido.

Tinha-se passado um agonizante outono, já as árvores dos *boulevards* torciam num céu de borrasca o esqueleto dos seus galhos secos e eu esperava sempre que o acaso me deparasse o ensejo de finalmente ver Hugo, quando nos jornais sùbitamente lançaram a grande nova da *reprise* do *Roi s'amuse,* que não se representava havia cinquenta anos e à qual Victor Hugo daria o fulgor da sua presença.

A um espectáculo desta ordem em Paris só assiste — Paris. Um jornal informara, mesmo, com essa loquaz indiscrição, tão própria da leviana imprensa francesa, que as mulheres já «capitulavam» para obter uma simples e escura *baignoire;* e eu reputei a ventura de penetrar, essa noite, nos humbrais clássicos da Casa de Molière, como um desses empreendimentos a que é absolutamente preciso renunciar. Mas ao que não renunciei foi a ver Hugo.

À meia-noite, segundo todas as indicações, o espectáculo devia terminar. À meia-noite, comovidamente, dirigi-me para a praça da Comédia Francesa.

A Comédia Francesa alojava-se então num edifício rectangular, que de um lado repousava sobre as velhas construções do Palais Royal e do outro mostrava duas burocráticas fachadas sobre uma praça irregular, em que a avenida da Ópera desaguava a sua luz e a sua multidão.

Em volta desse edifício, uma arcada de granito fazia como que um peristilo acessível às suas múltiplas entradas. Foi debaixo dessa arcada que me abriguei, enquanto o espectáculo não acabava, entre um poviléu de burgueses, estudantes, *lorettes* e gaiatos que pareciam ter sido destacados de todas as novelas de França, para essa espera, fora de horas, ao velho poeta que ia sair.

Pouco depois de eu chegar, as portas do café do teatro escancararam-se com estrondo e uma onda de pensonagens festivos saíu. Mas não era ainda o espectáculo que acabava. Estava-se no último intervalo.

O parisiense é loquaz, comunicativo, informador por excelência. À medida que essa sociedade ilustre ia passando, vozes sonoras e chocarreiras iam dizendo os seus nomes e títulos.

— O sr. Francisco Sarcey! disse uma.

Sarcey não tinha ainda feito a operação da catarata, que o libertou mais tarde desse incómodo mal. Precipitei-me e vi lentamente passar na minha frente um gordo burguês, com duas faces rubicundas como camoezas, munido de um par de lunetas, e que caminhava incertamente, como os cegos. Mas uma outra voz gritou: — O sr. Alphonse Daudet! Corri a outro lado e ainda vi, furando a turba, um homem baixo e nédio que se escapulia, envolto numa auréola de cabelos finos e nobilitado por um monóculo de cristal que lhe tomava toda a face direita. Súbito, porém, um sujeito alto, em cabelo, interpôs-se entre os meus olhos e a figura de Daudet, e não foi preciso ouvir o seu nome. Reconheci-o logo pelo elevado e crespo topete da sua gaforina branca de *clown.* — Era Rochefort.

Entretanto, a campaínha do teatro começou a retinir dentro, chamando para o último acto. O público que saíra recolheu novamente, e eu encontrei-me de novo entre a mesma multidão que esperava, como eu, qne Hugo saísse. Perguntava-se: — «Por onde sairá ele?» Uns opinavam que sairia pela porta do café, outros asseguravam que pela porta da direcção. O português é burocrata. A mim pareceu-me mais razoável que saísse pela porta da direcção, e fui colocar-me nas proximidades, de olho alerta, cheio de frio e de comoção. Para sentir estas coisas é preciso ter vinte anos. Eu, como disse, tinha dezoito.

Súbito, começou de roldão a sair gente por todas as portas. O espectáculo acabara, e eu não sabia que fazer, não sabia onde estar, enrodilhado no borborinho e no tumulto, como uma tabuínha à flor de um cachão, quando ouvi pronunciar, gritar, clamar o nome de Hugo. Aos cotovelões, empurrando meio mundo, corri de porta em porta e ia voltar sobre os meus passos, atarantado e aflito, quando me encontrei num tal apertão de gente que não me pude mover.

Olhava já por cima de todas as cabeças, desvairado, procurando Hugo, buscando Hugo, quando vi aparecer a uma porta, pelo braço de uma mulher grande e forte como uma Juno, um velhinho atónito que olhava para o chão e que era — Hugo.

A mulher desceu, com um passo régio, o único degrau da porta e parou um segundo, conduzindo o velho, para quem toda a gente olhava, em silêncio. Abriram-se alas, a alta dama avançou alguns passos e, sempre conduzindo pelo seu braço o poeta, parou.

O' momento inolvidável de intensa comoção!

Hugo estava a dois passos de mim. Não era o Hugo convencional de Bonnat, que eu conhecera pelas gravuras de Goupil, apoiando a dois dedos fortes e nodosos a fronte cheia a transbordar de pensamento. Era um ancião decrépito, sem energia, sem fulgor, sem prestígio. Não era já Hugo: era o que restava de Hugo.

O seu cabelo, assim como a sua barba, estava cortado à escovinha. Uma casaca demasiado grande pendia-lhe dos ombros curvados. Não olhava: conservava os olhos baixos, como se dormisse de pé. Grande papá Hugo! Não fora em vão que a vida passara por ti, com os seus furacões e as suas neves!

No entanto, eu olhava para ele e não o via. Via a sua glória. Assim velho, assim decrépito, todo ele irradiava sobre mim uma luz deslumbrante, que me ofuscava, e foi só quando o vi partir entre vivas e aclamações, num trem de praça, que eu reuni as impressões que me causou a sua rápida aparição.

Da minha memória nunca mais se apagou a lembrança dessa noite. — Ter visto um grande homem no apogeu da sua glória é como ter vivido na idade de ouro de um grande império.

Combata o

Pulgão da Vinha, o Escaravelho da Batateira, a Lagarta da Amendoeira, Etc.

Com os melhores Insecticidas da actualidade:

REGISOL (D. D. T.) • **GAMA PURO** (Lindane)

REGISOL-MIX (D. D. T. + Lindane) • **REGISTOX** líquido (Lindane)

Evite o

Míldio e o **Oídio** (Poeira) das **Vinhas** e **Fruteiras**

Com os insuperáveis fungicidas alemães "HOECHST":

VITIGRAN Conc. (Oxicloreto de cobre) • **ELOSAL** (Enxofre molhável aderente)

SEMPRE NA VANGUARDA EM DEFESA DA AGRICULTURA

Pedidos aos nossos Agentes Regionais ou aos distribuidores gerais:

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, L.DA

LISBOA - Rossio, 102-1.º — PORTO - Rua Fernandes Tomás, 565/573 — PAMPILHOSA

MOTOR MARÍTIMO

SUPER SKANDIA

De 85 H. P., usado, mas em muito bom estado, veio, manga e hélice, com 375 r. p. m., robusta construção sueca, vende em muito bom preço — João Bernardino Pires, Vila Nova de Cacela, telefone 4, ou Vila Real de Santo António, telefone 236.

A TODO O ALGARVE

PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL participa a inauguração do alargamento das suas instalações, óptimos quartos com águas correntes, e camas como as dos melhores hotéis.

*Rossio 59-2.º e 3.º Esq. — **LISBOA** — Telefone 22511*

Com a sua filial **Pensão Estrela dos Anjos** (1.ª classe)

Serviço de restaurante recentemente inaugurado, a preços acessíveis.

*R. dos Anjos, 70 — Telefone 41379 — **LISBOA** (Junto ao Ginásio)*

A PASTA DE FIGO

constituirá uma fonte DE RIQUEZA PARA A LAVOURA e indústria algarvias

Conclusão da 1.ª página

Os inimigos e concorrentes da nossa pasta de figo

Os países concorrentes de Portugal no mercado americano são a Turquia e a Grécia. As indústrias de ambos são amparadas pelos respectivos governos, e são os turcos os melhores fabricantes de pasta, graças à perfeição da sua indústria e cuidados da lavoura. Há um outro concorrente — a Califórnia, grande produtora de figo mas inferior em qualidade ao figo, europeu. A lavoura dessa região pretendeu afastar do mercado norte-americano os concorrentes da Europa, e nesse sentido fez uma diligência junto do presidente Eisenhower. Mas encontraram os californianos a mais encarniçada oposição das grandes fábricas de doçaria, que preveniam o povo americano de que os seus produtos subiriam a preços astronómicos se fosse proibida a importação de pasta de figo. E a pretensão foi indeferida.

Isso não impediu, porém, que a ofensiva contra a indústria europeia se mantivesse, aproveitando-se para o efeito qualquer pretexto. Assim, depois de analisada no Departamento da Agricultura, a mercadoria é autorizada a entrar no país. Parece que nada mais haveria a dizer, sabendo-se quão escrupulosas são as autoridades da América do Norte, no que se refere aos produtos alimentares. Acontece que o intermediário manda analisar, por sua conta, a pasta num laboratório particular e aí, no geral, aparece sempre qualquer coisa que se presta à chicana. Um pelo de rato ou de rata chega para que se especule com o exportador e o force a baixar o primitivo preço de venda. Se, de facto, o pelo de rato existiu, coisa que o exportador não tem processo de fiscalizar, achamos bem que se despique. É um produto para consumo humano e os americanos não estão dispostos, e muito bem, a ingerir as mixórdias que nós absorvemos. Resta, porém, saber se o pelo lá estava...

Medidas que se impõem para a defesa da pasta

A nossa Junta Nacional de Frutas, para evitar abusos e consequentes insucessos, decretou, em Agosto, findo, certas medidas tendentes a aperfeiçoar e acautelar o fabrico da pasta. Isto revela boa vontade e desejo de proteger e defender uma indústria de fundamental interesse para a economia provincial e nacional. Mas cremos que o que se fez é pouco, e os contratempos registados confirmam a nossa crença.

E' necessráio convencer a lavoura, aquela mais pobre e que não dispõe de recursos técnicos, de que tem que entregar o figo às fábricas logo após a sua secagem, isto para evitar o aparecimento do bicho, o qual já não pode ser eliminado do fruto. A câmara de expurgo mata-o, mas lá estão os laboratórios americanos a acusar em os microscópicos fragmentos na pasta. Os maiores lavradores sabem preparar bem o seu figo, mas há que contar com a pequena lavoura, aquela que mais precisa de amparo. E já agora, diremos que a região de Vila Nova de Cacela é a que melhor figo produz para pasta.

O figo para a indústria, tratado em boas condições, permite um aproveitamento de 50 por cento; o outro, o da lavoura pobre, não dá rendimento superior a 30 por cento. Ora estas perdas precisam de ser eliminadas, insistindo junto do lavrador para que seja cauteloso com a secagem e entrega do figo.

A indústria precisa também de ter técnicos que saibam auxiliar, com todos os recursos de que dispõem os laboratórios modernos, o produto que se vai exportar, a fim de que este não volte à terra de origem e vá engordar, em troca de preço vil, os tais animais de quatro patas. Mas para, que se possa dispor de um laboratório moderno e de um químico de alta competência, carece-se de dinheiro; e no entender do industrial com quem falámos, isso só se conseguirá por entendimento entre as três actuais fábricas de pasta, entendimento que terá que se estender até a uma unificação de preços, para evitar uma concorrência que prejudicaria todos, com repercussões naturalmente na lavoura.

É necessária a permanência de um fiscal português na América do Norte

A propósito, devemos já avisar que protestaremos enérgicamente contra qualquer tentativa de monopólio. Se alguém no Algarve se considerar apto, financeira e técnicamente, a produzir pasta em condições óptimas, deve ter o pulso livre para o fazer, sem intenções, porém, de perturbar o mercado. O produto é tão rico e as suas perspectivas de desenvolvimento são tão ilimitadas que convém proceder com cautela, mas sem entraves a quem estiver disposto a trabalhar com honestidade e ofereça garantias técnicas. Sabemos que vai ser tentado o mercado do Canadá e sabemos também que agradou totalmente a pasta de figo portuguesa.

Para defesa, porém, do nosso produto, impõe-se, sendo ele fabricado com perfeição técnica e higiénica, como o terá de ser—impõe-se, repetimos, que o Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve mantenha um delegado permanente na América do Norte, que acompanhe a mercadoria à sua chegada e siga os trâmites laboratoriais a que a sujeitam —isto para evitar que os ratos larguem os pelos... E ainda se impõe que a indústria se entenda directamente com as fábricas consumidoras, para evitar os intermediários, que se revelam, afinal, prejudiciais.

E agora, uma advertência: o figo é um produto cujas possibilidades alimentares estão ainda longe de ser aproveitadas na sua totalidade e na sua faceta mais rica, um de cujos aspectos é a pasta.

Vamos, pois, encarar a sério o problema: eliminar os vermes da cortiça, o bicho, a sordidez dos navios velhos, e façamos do figo, no seu melhor aproveitamento, uma riqueza para a indústria e para a lavoura algarvia. E assim estaremos entendidos.

CAFÉ - RESTAURANTE

JANELAS VERDES

de LUÍS FÉLIX DA SILVA

Cerveja de barris - Mariscos - Vinhos Verdes

Serve almoços e jantares regionais

PREÇOS MÓDICOS

RUA DE AVEIRO, 37-39

Telef. 206 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Joaquim Ribeiro

Importador de Frutos, Mariscos e Peixe Fresco

(Gambas de importação)

Vila Real de Santo António

Dizem os leitores ..

A CRISE DA HABITAÇÃO

o desaparecimento DA HORTINHA E A SINALIZAÇÃO

O *Jornal do Algarve,* com as suas características populares e o seu desejo de bem servir a colectividade algarvia, não deve eximir-se a recolher nas suas páginas sugestões ou reparos que lhe pareçam dignos de meditação, partam eles da terra onde está estabelecido, venham de qualquer outra terra algarvia. O que pedimos é que sugestões ou reparos sejam feitos com sensatez e lealdade e que haja neles um objectivo favorável aos interesses locais ou regionais. Dentro destas normas, a entrada é franca. Fora delas, nada feito.

Do sr. R. G. e a propósito do problema da habitação em Vila Real de Santo António, recebemos o seguinte:

Como todos nós sabemos, a crise de habitação na nossa vila é de facto inquietante problema que preocupa sèriamente as nossas autoridades, pois bem o provou o inquérito feito pela nossa Câmara: casas com excesso de habitantes, o que, além de ocasionar mau viver, é contra a moral e a educação.

Ora nós temos acompanhado o que se tem escrito sobre o assunto e todos batem na mesma ferida; a escolha do terreno para construções, facto que verdadeiramente não compreendemos.

Só se fala nos terrenos do caminho de ferro, quando, afinal, pode-se prescindir desses terrenos. Já repararam quantas dezenas de moradias de dois pisos se podem construir nas alas da estrada do farol, deixando ao centro uma rua ampla, espécie de avenida, ou mesmo uma verdadeira avenida?

Então e os terrenos anexos a essa artéria, que vão desde a escola masculina até à Estrada da Mata que liga a Monte Gordo? O que se pensa desses terrenos? Que projectos há sobre eles, afinal?

Em nossa opinião, só nesses terrenos se podem construir todas as casas que estão em projecto. Será assim, ou não será?

Dizem-nos que esses terrenos são parte da Câmara e outra parte de particulares, que os não querem ceder; no entanto, a Câmara pode encaminhar negociações com esses particulares, e como a verdade só envereda pelo caminho da razão, caso surja quem se proponha entravar o progresso e o embelezamento da nossa vila, tem a Câmara o recurso da expropriação, visto poderem ser estas construções consideradas melhoramentos de utilidade pública.

No entanto, a nosso ver, o ideal seria porem-se de parte as politiquices e arrumar-se o assunto na melhor das harmonias, pois, além de o problema ser de urgência, estamos certos de que esta artéria mais cedo ou mais tarde tem de ser urbanizada, visto que assim o exige a expansão da vila.

O que se espera, então, e porque não se trata do assunto?

Outro caso a ponderar e para o qual também chamamos a atenção da Câmara é o da urbanização da chamada Hortinha, pois é tempo de se pensar na transferência da estalagem para outro local adequado, a fim de naquele local se erguerem novos edifícios e se formar um bloco de casas modernas, tão essencial à estética da nossa vila.

Ao mesmo tempo, urge que se abra de uma vez a tão falada Rua Oliveira Martins, pois há naquela artéria edifícios quase concluídos e que naquela situação ficam, por assim dizer, semi-bloqueados.

Com estas nossas modestas opiniões, não queremos dizer que nós vejamos mais do que as entidades oficiais, ou que tenhamos interesse algum nestes projectos. Nada disso; esta nossa sugestão é apenas o nosso ponto de vista e uma antevisão

Conclui na 5.ª página

O MONUMENTO a Bernardo de Passos

Conclusão da 1.ª Página

nardo de Passos foi um dos proprietários-fundadores, e o presidente do Cenáculo Bernardo de Passos, de S. Brás de Alportel.

No plinto que sustenta o busto, será gravada a seguinte legenda: «AO POETA BERNARDO DE PASSOS HOMENAGEM DOS SEUS AMIGOS E ADMIRADORES 15/9/1957»; *e na placa lateral, esta formosa quadra, em que se procurou apresentar o verdadeiro retrato da sua alma de patriota e de regionalista sincero:*

Eu amo o meu País, embora sobre a terra
Em cada homem veja apenas um irmão.
Nós somos como a esteva ou a urze da serra
Que só floresce bem no seu dorido chão...

BERNARDO DE PASSOS
(1876-1930)

A comissão executiva do monumento agradece o envio urgente, para a Casa do Algarve, dos donativos já subscritos ou angariados a favor da construção do mesmo e de quaisquer novos contributos com que os amigos e admiradores do Poeta desejarem ainda figurar na lista que deverá ser entregue, com o processo e actas da dita comissão, ao Município de Alportel.

Vida artística

ARTES PLÁSTICAS

Um êxito, a exposição de D. Maria Berger

OS apreciadores de arte do Porto têm-se deliciado durante toda esta semana com a exposição de pintura da artista nossa comprovinciana, sr.ª D. Maria Alexandrina Chaves Berger, que está patente, até depois de amanhã, no salão de festas do Coliseu daquela cidade. As composições são em número de sessenta, todas elas de apurada técnica e de inspirada confecção. Paisagens aliciantes e cheias de luz e colorido na qual se surpreendem recantos da nossa Terra Algarvia, tais camo: «Rochas de ouro — Lagos» e «Amendoeira». Na copiosa sinfonia colorida que decora as paredes daquele salão, apreciam-se também paisagens de outras regiões de Portugal e da mimosa Galiza. D. Maria Berger confirma, com esta sua nova exposição, os seus méritos de singular artista da paisagem.

TEATRO

A opereta «Passarinho da Ribeira» vai ser apresentada no Algarve

O Grupo Dramático Gil Vicente, do Glória F. C., de Vila Real de Santo António, que tem desenvolvido louvável acção no campo dramático, vai ensaiar, em colaboração com a corporação de Bombeiros Voluntários locais, a opereta «Passarinho da Ribeira», de Amadeu do Vale e Miguel Orrico, com música dos maestros Jaime Mendes e Carlos Dias. A famosa opereta será representada em Vila Real de Santo António e possìvelmente em Tavira, com fins beneficentes.

Quando o teatro atravessa uma crise que preocupa as pessoas que apreciam a insubstituível arte de Talma, é confortante verificar esta tentativa de recuperação por parte dos amadores dramáticos.

Espectáculos de Variedades

Estão marcados para quinta e sexta-feira, respectivamente, em Faro e Portimão, espectáculos de variedades com conhecidos artistas da Rádio e Teatro, promovidos pela «Robbialac» e para presidir aos quais foram convidadas as autoridades locais.

Dizem os leitores...

A CRISE DA HABITAÇÃO

Conclusão da 4.ª página

do progresso da nossa pitoresca Vila Pombalina.

Por sua vez, dirige-se-nos «um assinante», que conclui a sua missiva nos seguintes termos:

Diz o seu JORNAL que foram colocadas placas regulando o trânsito na Praça Marquês de Pombal, e efectivamente lá as vi. Devo dizer-lhe que em nada lhe dão beleza, antes pelo contrário. E seriam realmente necessárias? Ora, o trânsito em Vila Real, por mais voltas e reviravoltas que queiram dar-lhe, não tem solução satisfatória, porque os desastres dão-se sempre nos cruzamentos, e estes não podem suprimir-se. A vila só tem 4 entradas, incluindo a da fronteira. Uma placa obrigando os veículos motorizados a uma velocidade máxima de 30 quilómetros dentro da vila, com pesadas sanções — mas efectivas — a quem a postura trangredisse, solucionava melhor o problema do que todas as chapas e chapinhas que sejam plantadas. Ainda há pouco, mesmo nas barbas da polícia, passou um auto de corrida em louca carreira, que à esquina do Ultramarino apanhou um outro carro que vinha do lado da Avenida, e do violento embate só não houve desastres graves a lamentar, pode dizer-se que por milagre.

A localização do posto polivalente e do ginásio do Lusitano também são assuntos para serem vistos à luz das realidades. Não estaria indicado que o local fosse numa das avenidas laterais, à entrada da vila, onde também deveriam ser construídas as casas da Previdência, para que aí houvesse algo digno de ver-se?

DESPORTOS

FUTEBOL

Jogos para Amanhã

Campeonatos Nacionais

II Divisão

Farense-Salgueiros

Os Salgueiristas, sérios candidatos ao título, vêm amarnhã ao Algarve disputar uma partida difícil, que poderá ser decisiva para as suas aspirações. O Farense, apesar de já não acalentar grandes pretensões aos dois primeiros postos da classificação, não deixará de se aplicar, a fim de conseguir mais um triunfo e guindar-se a uma posição na tabela da classificação mais de harmonia com o seu valor.

O regresso de Ventura irá, decerto, beneficiar consideràvelmente a defesa dos algarvios e proporcionar à equipa maior confiança.

III Divisão

Lusitano-Elvas

O Lusitano defrontará amanhã, no campo Francisco G. Socorro, o «leader» da classificação, que tem vindo a fazer uma boa temporada.

Antevemos uma partida muito disputada, em face do equilíbrio de forças entre os contendores. Apesar da capacidade global dos visitantes e do comprovado valor de alguns dos seus elementos, prevemos uma vitória tangencial dos algarvios.

Juniores

Sporting-Olhanense

Jogo difícil para os algarvios, dada a boa categoria dos adversários e a agravante de jogarem fora do seu ambiente.

Torneios Populares

Em Lagos—O Esperança Futebol Clube de Lagos está a organizar, para começar em Maio próximo, um torneio popular de futebol, a que podem concorrer equipas de Lagos e arredores.

Com esta iniciativa, o principal representante futebolístico da cidade de Lagos não só fomenta o desenvolvimento do futebol da sua região, como prepara futuros valores para os seus quadros.

Iniciativas destas são sempre de louvar. Fizemos votos para que tudo decorra em pról dos fins previstos e que os resultados a alcançar sejam compensadores.

Em Vila Real de Santo António —Estamos informados de que a Direcção do Lusitano iniciou já os trabalhos de organização do Torneio Popular de Futebol, a realizar no próximo mês.

Confirma-se, deste modo, a notícia que demos no nosso último número. Estamos certos de que a boa vontade e o bom senso dos dirigentes do Lusitano, sobejamente já comprovados, presidirão à organização da tal torneio, que tão bons frutos tem produzido... apesar das muitas dificiências com que tem decorrido, nos anos anteriores.

A qualidade da matéria prima vilarrealense é da melhor, mas cabe aos organizadores do torneio a obrigação de reverem, cuidadosamente, as bases do regulamento, no respeitante à manutenção de um são desportivismo. Assim, evitar-se-ão as cenas pouco edificantes dos outros torneios e serão alcançados os três principais e verdadeiros fins: —Despertar o gosto pela modalidade nos jovens praticantes; —Revelar habilidades futebalísticas e, fundamentalmente, fazer-se desporto como escola de virtudes morais.

Endereçamos daqui aos dirigentes «Lusitanos» os nossos parabéns pelo seu propósito e o oferecimento sincero da nossa colaboração.

AOS JOVENS

«É de admitir que um jovem de 17 anos, que tenha compleição física, verificada pelo Centro de Medicina Desportiva, possa praticar futebol em «seniores».

AUTOMOBILISMO

NA ESTRADA DA MATA

EFECTUAR-SE-Á A PROVA ARRANQUE E LANÇAMENTO INCLUÍDA NA VIII GRANDE

Volta a Portugal em Automóvel

PROMOVIDA pelo Clube 100 à Hora, efectua-se, de 23 a 26 do próximo mês, a VIII Grande Volta a Portugal em Automóvel cuja segunda prova complementar — arranque e lançamento — se realiza, como de costume, na magnífica Estrada da Mata. Constituem o arranque os 2 0 metros iniciais e o lançamento os 80 metros seguintes.

Os concorrentes partem de Lisboa às 23 horas e 31 minutos do dia 23 e chegam a Vila Real de Santo António às 7 horas e 10 minutos do dia seguinte. Concluídas as provas, partem de Monte Gordo às 9,16 em direcção a Beja pela estrada que conduz a esta cidade.

BILHAR

Manuel Sanches concorre ao Campeonato Mundial de Fantasia Clássica

Começa hoje e prolonga-se até segunda-feira, em Murcia (Espanha), o Campeonato Mundial de Fantasia Clássica, a que concorrem quatro bilharistas espanhóis, três franceses, um argentino, um uruguaio e um austríaco.

O nosso País estará, também, representado nesta competição, pelo nosso conterrâneo e assinante sr. Manuel Barroso Gomes Sanches, a quem auguramos uma honrosa classificação.

COLUMBOFILIA

Concurso de Vendas Novas

Classificações do concurso de Vendas Novas, realizado no passado domingo:

Grupo Columbófilo «Guadiana», média, 1.230 m/m; José Sebastião Gonçalves, 1.º; António Vicente, 2.º, 5.º e 11.º; dr. Manuel P. F. Vargas, 3.º, 4.º, 9.º e 14.º; André N. G. Roque, 6.º e 7.º; António João P. Leal, 8.º: Amândio S. Joaquim, 12.º e 13.º.

Grupo Columbófilo «Cabanense», Zacarias das Chagas, 1.º; Leonardo de Jesus dos Santos, 2.º; José Paulino Peres, 3.º, 5.º e 6.º; José das Chagas, 4.º.

—

Amanhã é levado a efeito o concurso de Santarém.

Cine-Foz

DOMINGO, 24, o filme ***Terra dos Faraós,*** em cinemascópio, com Jack Hawkins, Joan Collins e Sidney Chaplin, extraído de um romance do célebre escritor William Faulkner. (Para mais de 12 anos).

QUINTA-FEIRA, 2, ***O Dinheiro dos Pobres,*** com Vasco Santana, António Silva e Artur Semedo. (Para mais de 17 anos).

BREVEMENTE, ***Planície Imensa,*** de Walt Disney.

Gráfica do Sul

TELEFONE 161

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Litografia • Tipografia • Cartonagem

A mais completa organização gráfica do Sul do País.

Trabalhos em fotolitografia, offset e desenho.

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE:

ENVOLTÓRIOS E ROTULAGEM PARA A INDÚSTRIA DE CONSERVAS, PROGRAMAS, CALENDÁRIOS E CARTAZES DE PROPAGANDA, ROTULAGEM PARA VINHOS, AGUARDENTES, LICORES, REFRIGERANTES, ÁGUAS MINERAIS, PERFUMES E PARA BOLACHAS, CHOCOLATES E REBUÇADOS.

LIVROS

JORNAIS

REVISTAS

RELATÓRIOS

Consulte e aconselhe-se com a

GRÁFICA DO SUL

e ela lhe resolverá as suas dificuldades.

FUNCIONALISMO

=Está aberto concurso de habilitação para provimento de um lugar de escriturário de 2.ª classe da Câmara Municipal de Olhão.

=Foi nomeado médico municipal do partido de Mexilhoeira Grande (Portimão) o sr. dr. Luís dos Santos Patrício.

S. R.

Câmara Municipal do Concelho DE

Vila Real de Santo António

RECENSEAMENTO ELEITORAL

AVISO

Emílio Tenório Piloto, Aspirante, servindo de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António, torna público, nos termos do art. 18.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que desde o dia 1 até ao dia 10 de Maio, próximo futuro, se encontra patente na secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas do expediente, o recenseamento eleitoral do Presidente da República e da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1957, para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar, até 15 do mês de Maio, para o Presidente da Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no art. 19.º da citada Lei n.º 2.015.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 27 de Abril de 1957.

O Aspirante, servindo de Chefe da Secretaria,

Emílio Tenório Piloto

O ensino no Algarve

Distribuição de prémios a escolares louletanos

CONTINUANDO uma tradição digna do maior aplauso e louvável pelo estímulo que representa, distribuiu a Câmara Municipal de Loulé, em sessão solene, os prémios escolares anuais aos alunos mais distintos do concelho, e que foram: Antonieta Bento Casa Nova, terminou o 2.º ano do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências — prémio: «Dr. Oliveira Salazar». Carminda Maria Mariano Cavaco, finalista do Curso Liceal — prémio: «Engenheiro Duarte Pacheco». José Rosa Simão, terminou o 8.º ano do Curso Eclesiástico — prémio: «Mons. Freitas Barros», e Amâncio José Guerreiro Rodrigues, Instrução Primária — prémio: «Prof. Cabrita da Silva».

Alusiva ao acto, proferiu uma brilhante palestra o vereador sr. dr. Manuel Mendes Gonçalves.

Movimento do professorado

Foi nomeado adjunto do delegado do director do Distrito Escolar de Faro, no concelho de Silves, o professor da escola masculina da sede do mesmo concelho, sr. João Baptista Pedro dos Santos.

— Foram colocados, em comissão, nas escolas adiante indicadas, os seguintes professores do quadro de agregados: António da Cruz Bica e Franklim de Ascensão Rodrigues Marques, Faro (sede do concelho); D. Arminda Luísa Gomes Guerreiro, Patacão (Faro); D. Maria Helena Ramos, Olhão (sede do concelho); D. Maria João de Jesus Frade, Gorjões (Faro); e D. Maria Margarida Soares Louro, escolas de aplicação anexas às do Magistério Primário, de Faro.

— Foram colocados os seguintes agentes de ensino nas escolas adiante indicadas: D. Letícia Viegas Cavaco, masculina, Fuseta (Olhão); D. Maria Afonso Nunes, mista, Querença (Loulé); D. Maria Blonette da Glória Correia, mista, Barrocal (Silves); D. Maria da Luz Pinto Borralho, mista, Areal Gordo (Faro); D. Otília Fernandes Pinto Nunes, feminina, Portimão; e D. Viviana da Silva Serôdio, musculina, Portimão.

Necrologia

Vila Nova de Cacela — Faleceu em Lisboa, no hospital Júlio de Matos, o sr. Manuel Martins Garrocho, de 53 anos, natural de Boliqueime (Loulé), chefe da estação dos caminhos de ferro local. Era casado com a sr.ª D. Angela Pereira Martins e pai das sr.ªs D. Maria Helena, D. Maria Margarida e do sr. Fernando Vaz Martins. Apesar de residir aqui há pouco tempo, era geralmente estimado pelas suas qualidades.

No sítio da Coutada, onde residia, faleceu o sr. António Francisco, de 75 anos, reformado da C. P., natural desta freguesia, casado com a sr.ª D. Teresa de Jesus.

Também faleceram:

Em Lisboa — A sra. D. Joaquina Vieira Dias, de 83 anos, natural de Vila Real de Santo António.

— A sra. D. Cecília Carrajola Abreu Pacheco, de 68 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines (Silves), mãe da sr.ª D. Marieta Engrácia Abreu Pacheco Soares de Oliveira, casada com o sr. Alfredo Soares de Oliveira, funcionário da Sociedade dos Armadores de Pesca de Arrasto. e do sr. Arnaldo Soares Pacheco, empregado comercial.

— A sr.ª D. Emília das Dores Assís Rolão, viúva, de 92 anos, natural de Faro, mãe da sr.ª D. Maria Cristina Rolão e do sr. Josefredo Gonçalves Rolão Júnior.

— A sr.ª D. Maria Vitória Ferreira de Almeida, viúva, de 76 anos, natural de Faro, mãe da sr.ª D. Maria de Lurdes Pais de Almeida Moreira.

— O sr. Joaquim António, de 73 anos, casado, marítimo, natural de Alvor (Portimão).

RAUL FOLQUE & FILHOS, L.DA

Fábrica de Conservas de Peixe

As conservas FOLQUE *são produtos de ALTA QUALIDADE*

JORNAL do ALGARVE

Crónica sem importância

Mas já se terá dito tudo?

por SEBASTIÃO LEIRIA

SUSPENSA a caneta sobre a folha em branco na minha frente, enquanto o pensamento divaga em busca de assunto, sai-me ao caminho esta desalentadora ideia: — Mas escrever o quê, se tudo está dito?

Por momentos, a hesitação balouça e, já quando parecia assente que o carapuço iria fazer descer a noite sobre o aparo, ocorreu-me um facto que destroçou aquele meu momentâneo derrotismo e pôs a caneta galopando sobre a indefesa folha, até aqui onde agora vai.

Eis o facto:

Como não é segredo para ninguém, hoje em dia, as criadas de servir mudam de casa com a mesma facilidade com que mudam de camisa, ou melhor, de combinação.

Não se sabe, até, se entre elas a combinação é generalizada para nos pregarem a partida de partir sem dizer água vai, quantas vezes depois de nos haverem partido a cabeça com um esmero de «inducação» e de ditos de espírito que desactualiza inteiramente o mais conceituado manual de boas maneiras de qualquer condessa das nossas relações.

Por via desta mesma volubilidade de permanência, enquanto o mundo executa o seu já cediço movimento de translação, entram pela porta de meus penates, — e também por ela se escoam — um quarteirão, bem repuxado, de caras sortidas, de corpos estravagantes, de génios dispares — que disparatam —, uma filarmónica de lábias e um curso universitário de mentiras que muito têm contribuído para esta facilidade com que, às vezes, me ponho a escrever.

Ora, se com muitas dessas criadas muito aprendemos, a verdade é que outras são por nós iniciadas em certos segredos, que podem ir desde a maneira de receber visitas até à utilidade da banheira e do pau-de-sabão.

O caso aqui focado é do segundo grupo e ocorreu com uma criada, em primeira mão, vinda directamente de Santana de Cambas, via normal.

Logo às primeiras, a Eulália — era a sua graça — deixou-nos pasmados com a dimensão da sua ignorância. Devia ter o cacifo da inteligência obstruído por qualquer substância nunca vista, pois dali não escorria nada, e dispunha de uma falta de ouvido bastante notória; isto é, era surda que nem uma porta.

Percebendo isso, perguntei-lhe, escusadamente — por perguntar — se era surda.

Não percebeu e respondeu uma coisa diferente.

Insisti um pouco mais alto, sem melhor resultado. Voltei a insistir gritando, já com alguma cólera e reforçado pelo coro dos meus elementos familiares, os quais, presentes, aguardavam ansiosamente o desfecho.

A rapariga, sem perceber, olhava-nos positivamente aterrada, atarantadíssima e, com o desconforto de quem acaba de engulir um xarroco vivo, ensaiava sorrisos pálidos ou punha as sobrancelhas em jeito das asnas dos telhados.

A situação era delicada para ambas as partes e ameaçava eternizar-se, visto não ser fácil desistir sem desaire, embora estivesse mais do que provado o que se lhe inquiria, mas, recorrendo à mímica, aponteí-lhe para os ouvidos.

Aí a Eulália percebeu e confirmou que sim senhor, era «um pedacinho dura de ouvido».

Minha mulher, para consolá-la, fez com os ombros como coisa sem importância, mas ali vi logo que aquilo não podia acabar bem.

À força de gritos possantes e de mímicas complicadas, a Eulália começou a rebocar o carro dos serviços domésticos, mas ai... a partir de então, uma berrata intermitente matou o doce sossego de minha casa, onde se fundou uma típica delegação do inferno.

Às primeiras, aquilo dava-nos graça e fazia-nos rir cândidamente, mas não tardou que a insistência nos irritasse e o mau humor assomasse em nossos rostos azedos.

O meu filho, com dois anos, passava os dias chorando, pois, ouvindo a mãe gritar, volta e meia, cuidava que eram ralhos e ninguém lhe tirava aquilo da cabeça. Este choro do inocente mesclava de uma dolorosa angústia os nossos gritos, e tudo isto passou não só a enjoar a vizinhança, mas dava até a impressão, a quem passava na rua, de que era ali a casa mais infeliz do mundo.

Não tive mais uma manhã de sosego , por causa de tal desgarrada, e passei a fugir de casa como o diabo da cruz. Comecei depois a sentir-me comprometido de andar lá fora. Estabelecimento onde a minha criada entrava a compras, já se sabia, começavam as berrarias e, até, em qualquer casa onde ouvisse gritos insólitos, era mais do que certo estar lá a Eulália recebendo qualquer recado. Enfim, era de mais.

Um dia, quando minha mulher apareceu com um princípio de laringite, por causa de falar tão alto, resolvi pôr termo àquilo.

Chamei a Eulália bem à minha frente e, reunindo toda a minha boa vontade e força, falei-lhe deste jeito:

— Olha, Eulália, tu és muito surda, mas és tanto menos esperta quanto és surda. Não sabes fazer nada. Não sabes acender a luz do corredor, cozes o peixe por escamar, deitas vinagre no caldo verde, lavas as camisas com as barbas e os botões de punho postos, limpas os pentes com o meu pincel da barba e os sapatos com o guardanapo da menina, e isto não pode ser. Enfim, tens uma virginal ignorância das coisas mais rudimentares desta vida e, como tudo tem de te ser ensinado em altos gritos, porque tens o prémio olímpico da surdez, já todos cá em casa andamos roucos e cansados e a senhora tem uma doença na voz, entendes? Por via disto, não podes continuar mais cá, vais para a tua terra e quando estiveres melhorzinha e saibas governar uma casa, aparece para conversarmos ao natural.

Fiquei exausto, mas dei-me por satisfeito, em virtude da rapariga ter dado indícios de ter percebido tudo muito bem. Disse-me «com licença» e saiu porta fora.

Quando, hora e meia depois, voltou e me fez entrega de um maço de «Português Suave» e dum bilhete para um filme de capa e espada, senti-me derrotado. Ela não tinha entendido nem uma da minha judiciosa arenga.

Fiz-lhe as contas, peguei nela e na mala e meti-a na camioneta para Santana de Cambas.

Não voltou, até agora. Deve estar na mesma.

Mas, finalizo eu, se já tudo está dito, por que diabo aquela rapariga não sabia nada de nada?

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

MISSÃO DA IMPRENSA REGIONALISTA

Conclusão da 1.ª página

um elevado número de jornais que a constituem a persistir nos antiquados e cómodos processos de pseudo-jornalismo e a manter um aspecto gráfico digno de lástima. Nem sempre os problemas locais, ou da região que diz defender, encontram nela o honesto porta-voz capaz de, com inteligência e visão, os agitar, estudar e apontar soluções que possam sobre eles chamar a indispensável atenção oficial, para que, com dignidade para todas as partes e proveito para o bem comum, as aspirações justas encontrem plena satisfação.

Não bastam as lacónicas «correspondências», que nada adiantam e quase sempre carecem de interesse e de ter o desenvolvimento conveniente e necessário para atrair os olhares assoberbados com tantos casos semelhantes e muitos outros cuja variedade é infinita. Nem mesmo um artigo de quando em quando, por melhor que possa ter sido escrito, chega. E' fundamental insistir, entrevistar, procurar o apoio e o interesse da multidão, das entidades oficiais e dos poderes públicos, até que sejam satisfeitas as necessidades ou as aspirações da comunidade.

Haverá que deitar mão de todos os recursos ordeiros, através de uma campanha devidamente estruturada e planificada. À Imprensa cabe a dignificante e altruísta tarefa de a orientar e de lhe dar a seiva vivificante que a mantenha até ser alcançado o objectivo final, focando a questão, sistemàticamente e de todos os ângulos, com profundo conhecimento. Os aspectos económicos, turísticos, de saúde pública, valorativos, sociais, etc., têm de ser ventilados com largueza e clarividência, e não só isto como trazer para as colunas dos jornais a opinião da gente grada e humilde das terras e do País e, em certos casos, até a achega de estrangeiros autorizados, principalmente no que respeita a questões de técnica.

Ao jornal compete sempre orientar e agitar a opinião pública — é isso que se impõe que seja feito.

Os jornais regionais, melhor do que quaisquer outros, estão em óptimas condições para o fazer. Se, por um lado, não têm ao seu serviço, devidamente remunerados (como, aliás, deveria acontecer), os redactores a quem se pode incumbir de estudar e pôr em prática essa acção, usufruem a enorme vantagem de viver os próprios problemas, de poderem falar com a autoridade que lhes confere a experiência vivida, com o conhecimento dia-a-dia adquirido no contacto permanente com a realidade, com a autoridade que lhes dá o facto de constituírem o fulcro dos anseios das populações.

Aqui está, pois, o magnífico ponto de partida para o início de uma obra digna, honesta e consciente que se exige para um Portugal cada vez mais engrandecido e para um melhor bem estar e cultura do seu povo e, ainda, para honra e glória da Imprensa regionalista.

José dos Santos Marques

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Não te pintes, se não queres
que os próprios olhos te mintam:
nunca foram as mulheres
tão feias... como se pintam!

LUÍS FIGUEIRA

Isto dizia Rossini

Rossini amava os prazeres da mesa e costumava justificar a sua paixão pelos bons pitéus da seguinte maneira: «O que o amor é para a alma, o apetite é para o corpo; o estômago é o maestro que dirige a grande orquestra das nossas paixões; comer, amar, cantar, digerir, são os quatro actos da ópera comica da vida.»

O intelectual cansa-se mais cedo

O dr. Wingate M. Johnson, no «Medical Annals of the District of Columbia», afirma que efectivamente o intelectual cansa-se mais cedo. A resistência do homem começa a ceder, lentamente, a partir dos quarenta anos, mas o seu cérebro deve ter chegado ao máximo nessa idade, e deveria ser conservado como máquina de primeira classe, até os setenta anos, ou mais. Aposentar um homem que ainda dispõe integralmente das suas faculdades mentais não é apenas injusto. Isso poderá envelhecê-lo ainda mais, ou mesmo matá-lo prematuramente.

O doce nunca amargou

Pudim de claras — Com as claras que ficam, podemos preparar um pudim ligeiro, que é agradável e se faz fàcilmente.

Batem-se as claras com açúcar, uma colher de sopa, não muito cheia, por cada clara. Depois de bem batidas em neve firme, deitam-se numa forma de banho-maria barrada com açúcar queimado, mete-se a forma numa panela com água a ferver e deixa-se cozer o pudim.

Leva cerca de uma hora a cozer, tira-se depois para um prato e serve-se guarnecido com cerejas cristalizadas ou mesmo das de compota.

Sobre cereais

Os cereais, uma vez amadurecidas as sementes, devolvem ao solo os elementos nutritivos hauridos neste, pelo conduto das raízes. Nos países de climas extremos, as raízes são mais superficiais com o calor e mais profundas com o frio. As adubações são de efeito imediato na fase vegetiva, em que as raízes estão mais superficiais.

Também na cozinha se pode ser artista

Lulas recheadas — Lavam-se 15 a 16 lulas pequenas. Picam-se com uma faca os tentáculos, metade do peso destes de presunto cru, um ramo de salsa, sal e pimenta. Põe-se este picado a cozer com uma colher, das de sobremesa, de banha de porco e uma cebola mediana cortada fino. Estando o picado bem cozido, rectificam-se os temperos, juntam-se três gemas cruas e enchem-se as lulas, prendendo a abertura com um palito. Fez-se à parte, num prato de ir ao forno, um molho com um decilitro de azeite, outro de vinho branco, 3 colheres, das de sopa, de puré de tomates, 2 gramas sal e 1 grama de pimenta em pó. Estando o molho bem quente, põem-se as lulas e aí permanecerão até estarem cozidas (meia hora a 3 quartos de hora). Serve-se com batatas novas cozidas no molho ou com ervilhas, igualmente cozidas no molho.

Preceitos de Sociedade

Quem esteja de luto no período das férias pode vestir trajes de praia ou desportivos em branco e preto, cinzento, e branco ou cinzento, numa só cor.

— Nas apresentações deve sempre apresentar-se a pessoa mais nova à mais velha; se se trata de homem e senhora, apresenta-se o homem. Tratando-se de pessoas de categoria, apresenta-se o de menos categoria ao de mais importância. Sendo, por exemplo, um ministro, mesmo que se trate de uma senhora, é esta a ser apresentada.

— E' uma prova de deferência convidar o médico da família pare uma reunião por motivo de aniversário, casamento, etc., desde que exista um princípio de relações superior ao plano estritamente profissional. Ao convidado, por sua vez, cabe ou comparecer, ou enviar um cartão ou um presente.

A maior gruta do mundo

A maior gruta do mundo encontra-se em Black Hills, Estados Unidos. Mede oitenta e dois quilómetros de comprimento, tem mil e quinhentas salas, algumas delas com sessenta metros de altura, e está situada a mil e oitocentos metros acima do nível do mar.

Repare na sua beleza

Para a beleza da pele, uma vez por semana, aproximadamente, deve-se untar o corpo com qualquer óleo ou creme nutritivo, uma hora antes do banho quotidiano. Depois, ensaboar-se e banhar-se, como de costume. A pele do corpo deve ser suave e acetinada, e as fricções, com escova de crina são indispensáveis, tanto para a saúde e beleza da pele do corpo como para a juventude dos músculos.

Ditos e sentenças

A inveja que fala e que grita é sempre desastrada; a inveja que se cala é a verdadeiramente temível. — *Rivarol.*

*

A desgraça amadurece os homens. — *Pitágoras.*

*

Se tivéssemos suficiente vontade, quase sempre disporíamos de meios suficientes. — *La Rochefoucauld.*

*

A arte é uma flor nascida no caminho da nossa vida e que se desenvolve para sauvizá-la. — *Schopenhauer.*

O valor alimentar dos miolos

Os miolos constituem um alimento de excelentes qualidades, pois contém 9% de proteínas de alto valor biológico, 9,3% de gorduras e uma boa quota de fósforo e ferro.

As preparações a que se prestam são, em geral, de grande valor nutritivo, especialmente quando feitas com ovos e outros alimentos também reconhecidamente úteis.

Com a ajuda de miolos poderemos variar as preparações de alimentos de origem animal, sem desvantagens nutritivas em relação à carne, obtendo-se, em consequência, pratos capazes de satisfazer ao paladar mais exigente.

E agora não ria!

Conta-se que, um dia, certo sábio deu três respostas certas a três perguntas incertas que lhe haviam feito. Eram: — O que há mais leve do que uma pena?

— O pó!

— E mais leve do que o pó?

— O vento!

— E mais leve do que o vento?

— A mulher, evidentemente...

Não lhe fizeram a quarta pergunta, mas o sábio, ao terminar, disse para si: ...E além da «leveza» da mulher... não existe coisa mais leve...

MAIS DE 1.500 RIOS subterrâneos ALIMENTAM O CAUDAL DO GUADIANA

O PROSPECTOR radiestesista espanhol Ramon Valverde localizou, depois de muitas explorações, ao longo do leito do Guadiana, mais de 1.500 rios subterrâneos. Supõe o radiestesista que as fontes destes rios se encontram nas lagoas de Ruidera e que se notam muito especialmente no trajecto compreendido entre Argamasilla de Alba, em que o rio Guadiana se oculta, à sua reaparição próximo de Villarubia de los Ojos.

O Instituto Nacional de Colonização de Espanha propõe-se utilizar estes importantes veios de água para converter em regadio uns 50.000 hectares de terras de sequeiro dos concelhos de Herrera de la Mancha e Cinco Casas.

FIGURAS DO PASSADO

Entre o bombo e a... caixa

HÁ festa na vila, ou há festa em Castro Marim, e a filarmónica foi convidada a tomar parte nos festejos.

Como de costume, não podia deixar de ser, foram também convidados o caixa e o bombo, amigos, conhecidos e dilectos apreciadores do belo sumo de uva, sobretudo se a festa era em Castro Marim e se alguma das boas adegas franqueava as suas portas, por amabilidade do proprietário.

Era vê-los, o caixa rufando com garbo e marcialmente movendo as baquetas com uma velocidade espantosa, acompanhado do bombo, com os seus estrondos atroadores.

Mesmo que alguma pancada da maçaneta do bombo fosse fora do compasso da música, ou que as rufadelas não acompanhassem, por momentos, a cadência da marcha, isso não tinha empeno de maior, pois era dia de festa e o povo não ligava muita importância a esses desconcertos musicais.

Duas figuras imprescindíveis na bateria da filarmónica eram o Rupia e o Basbanca, com o seu fardamento de executantes filarmónicos, muito amigos e muito compadres a caminho da festa.

O pior era no regresso, depois de terem visitado algumas das tais «capelinhas» onde se presta culto a Baco, pois nessa altura apareciam à superfície os zelos, as pequenas intrigas, que a imaginação toldada pelos fumos do alcool trazia á lembrança.

Era então que se punham ao sol as pequenas dúvidas e dívidas, os receios e as suspeitas, e era vê-lo rufar na caixa com uma maestria digna dos melhores «rufadores» mundiais, havidos e por haver.

Sem a caixa e o Rupia, sem o bombo e o Basbanca, a filarmónica estava incompleta e condenada a um triste destino.

Eram, por esse motivo, figuras indispensáveis, e como tal viam-se sempre juntos, embora os arrufos provenientes de uma dose um pouco mais elevada de sumo de uva lhes trouxesse, de vez em quando, uns amuos passageiros.

Domingos Rupia, além de rufador de caixa, ocupava-se de vários trabalhos, aos quais nem toda a gente se sujeitava, pedindo muitas vezes pela sua execução verbas que, embora não sendo astronómicas, eram no entanto exageradas para o serviço feito.

Certa vez, um professor encomendou-lhe o trabalho de desentupir um esgoto, e amigo Rupia, sempre serviçal, prontificou-se a fazer a obra, mediante quantia que ele mesmo arbitrou.

Como o professor achasse avultada a importância pedida, não esteve com meias medidas e respondeu: «Que quer o só professó, eu cá é que sê fazê o preço do mê trabalho, pois se o snr. estudou p'ra ensiná meninos ê cá estudi p'ra limpá comuas.»

Figura muito característica de Vila Real de há trinta anos, quem dele se lembrar certamente ainda lhe devem soar nos ouvidos as rufadelas de caixa, bem repenicadas e bem batidas, quando chamava a atenção do respeitável público para os espectáculos de teatro e de cinema, ou quando calhava a aparecer na vila algum circo ambulante, aproveitando a ocasião para, acompanhado da garotada bravia, fazer a distribuição dos respectivos programas.

Zé Valente

VENDE-SE

UMA GELEIRA

— tipo frigorífico —

nas «JANELAS VERDES»

Vila Real de Santo António

A MELHORIA das comunicações

Conclusão da 1.ª página

entre aquele embarcadouro e o Terreiro do Paço.

Estas facilidades de contactos contribuirão, decerto, para uma maior aproximação entre a nossa província e o resto do País, com naturais repercussões na valorização turística do Algarve.

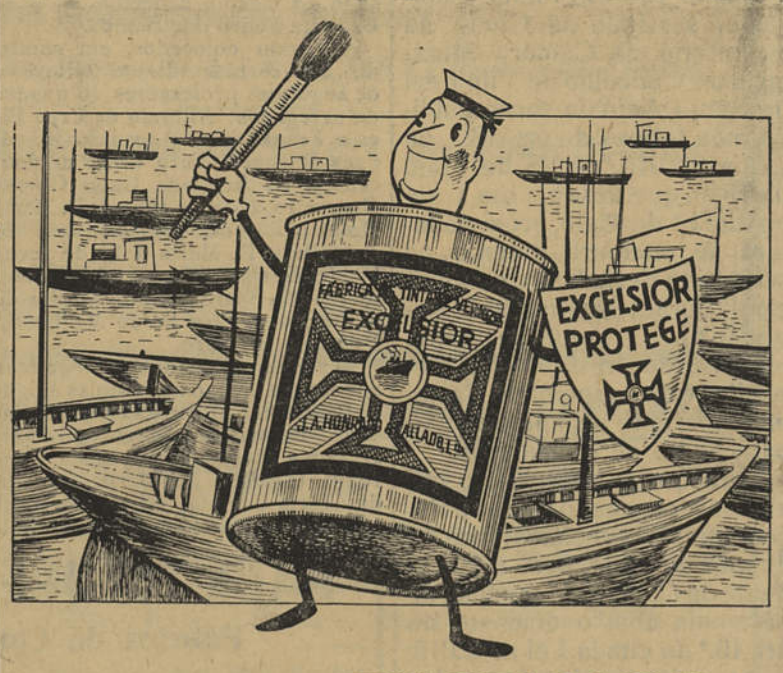
COBRANÇA DE ASSINATURAS

Prevenimos os nossos prezados assinantes de que vamos proceder à cobrança da primeira série (9$90) do JORNAL DO ALGARVE. São trabalhosas e dispendiosas as operações de cobrança, pelo que encarecidamente solicitamos aos nossos amigos o favor de providenciarem no sentido de os recibos não nos serem devolvidos, o que nos acarretaria prejuízos e ocasionaria embaraços aos nossos serviços administrativos.

Agradecemos o bom acolhimento que dispensarem à nossa cobrança.

EXCELSIOR

o escudo que defende e protege os seus barcos



USE TINTAS **EXCELSIOR**

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

Travessa do Giestal, 4 — LISBOA

MOTOR MARÍTIMO

H. M. G. — USADO

Potência 180 H. P. — 4 cilindros — 600 r. p. m., a gasoil, equipado com embraiagem hidráulica da marca «REINTJES», alemã. (Esta embraiagem equipa quase todos os motores de marcas alemãs), — VENDEM, POR PREÇO MUITO RAZOÁVEL — Hilderico do Nascimento Pires e Manuel Gil Fernandes Lapa, Vila Nova de Cacela, Telefone n.º 14; Tavira, Telefone n.º 21, ou Vila Real de Santo António, Telefone n.º 236.